



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Mariana Gomes Araújo

**FUTURO?
PROJETOS E ESTRATÉGIAS DE JOVENS DA RODA CULTURAL DA
ROCINHA**

Orientadora: Profa. Dra. Rosangela Carrilo Moreno

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FUTURO?
PROJETOS E ESTRATÉGIAS DE JOVENS DA RODA CULTURAL DA
ROCINHA

Mariana Gomes Araújo

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosangela Carrilo Moreno

Rio de Janeiro

2022

MARIANA GOMES ARAÚJO

FUTURO?
PROJETOS E ESTRATÉGIAS DE JOVENS DA RODA CULTURAL DA
ROCINHA

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 28/01/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Rosangela Carrilo Moreno

Professora Convidada: Prof. Dra. Mônica de Souza Hourí

Professora Convidado: Prof. Dra. Rosana Rodrigues Heringer

Rio de Janeiro

2022

Dedico o trabalho escrito para todos os moradores de favela.

Dedico a mim, pela perseverança, pela insistência e pela teimosia, contrariando a toda a minha ansiedade de deixar tudo para lá e desistir, permaneci seguindo, devagar e sempre em direção ao término.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é um pequeno fruto de toda a minha trajetória acadêmica. Tenho certeza de que este foi um tempo de muito aprendizado, de novas experiências, de conquistas e de decisões que irão marcar todo o meu percurso.

Quero começar agradecendo a minha orientadora Rosangela, por ter me acolhido e me ajudado a amadurecer ideias, por toda escuta, conselhos e orientação, obrigada por compartilhar a sua experiência comigo, com toda certeza você é referência na minha vida, foi uma honra trabalhar com uma profissional ética, competente e responsável, sem você nada disso teria se concretizado.

Sou grata por ter a Núbia Ferreira, minha mãe, que não me deixou caminhar sozinha, que ouviu meus questionamentos, minhas indignações e foi leal em toda a minha trajetória, me nutrindo de afago, coragem e compreensão, sem ela não teria chegado até aqui.

Ao meu pai William Araújo, um dos homens com o caráter mais íntegro que eu conheci. Pai, obrigada por ter me deixado voar, seu papel foi cumprido, pode sentir orgulho da mulher que você criou.

À minha irmã Manuella Araújo, que me fez ser forte e resiliente, eu consegui e tenho certeza que o caminho que você escolher seguir, irá conseguir também.

Agradeço a disposição dos jovens da Roda Cultural da Rocinha, que se mostraram dispostos a conversar, contar as suas histórias e esclarecer minhas dúvidas, sem a colaboração deles, esse trabalho não seria possível.

Agradeço aos que ficaram e saíram da minha vida, ao longo desse trabalho, agradeço a escuta, compreensão e paciência com todos aqueles que de alguma forma contribuíram com esse trabalho.

Sou extremamente grata e feliz por ter construído uma rede de apoio, que são ótimos ouvintes, pacientes e tentaram compreender minhas angústias no processo de escrita, seguraram minhas mãos de uma forma amiga e me deram todo o suporte e bronca amiga, de quem quer ver o crescimento do outro, todo esse apoio foi fundamental, não posso deixar de mencionar o nome de duas grandes companheiras Gabrielle Teles e Jessyka Melo que fizeram parte desse processo, minha vitória são de vocês também. Agradeço ao Pré-vestibular comunitário PECEP, por toda dedicação com os

seus alunos oriundos da classe popular, o trabalho intenso do pré-vestibular, não teria conseguido entrar na Universidade Pública.

Por último e mais importante, agradeço a Deus e a todas as divindades.

“Favela, ô
Favela que me viu nascer
Eu abro o meu peito e canto o amor por
você.
Favela, ô
Favela que me viu nascer
Só quem te conhece por dentro
Pode te entender.
O povo que sobe a ladeira
Ajuda a fazer mutirão
Divide a sobra da feira
E reparte o pão.
Como é que essa gente tão boa
É vista como marginal
Eu acho que a sociedade
Tá enxergando mal”¹

1 Música “Favela” de Arlindo Cruz.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso teve por objetivo compreender quais são as prospecções de futuro da juventude da classe popular, especificamente, jovens atuantes em grupo de Rima da Rocinha. Trata-se de jovens que realizavam, antes da pandemia, um evento semanal, em espaços públicos da favela, como forma de se expressarem e ao mesmo tempo suprirem a carência de políticas públicas e a falta de incentivos à cultura dentro da favela. Sendo assim, entendemos que esses indivíduos se engajaram coletivamente na realização da Roda de Rima Cultural da Rocinha, tornando-a um investimento material e simbólico tanto do ponto de vista individual quanto coletivo. Essa pesquisa visa contribuir com os estudos da área de sociologia da educação, que tendem a pensar a prospecção de futuro sempre no sentido do prolongamento da escolarização, e ao mesmo tempo explorar os efeitos da socialização desses jovens em uma ação coletiva. Para isso, o trabalho se desenvolveu em três eixos: (i) estudos bibliográficos sobre juventude, prospecção de futuro, (ii) reconstituição da história coletiva da Roda Cultural da Rocinha, dos jovens ali envolvidos; e, (iii) a trajetória de jovens atuantes no grupo, no que se refere às suas experiências familiares, escolares, extraescolares, profissionais, bem como a percepção sobre suas formas de atuação e possíveis projeções de futuro. Para isso, foram utilizados como fonte e material de pesquisa: (a) produções bibliográficas sobre o tema; (b) mídias digitais diversas, especialmente redes sociais do grupo como Facebook, Instagram e Youtube; (c) entrevistas semiestruturadas e conversas informais com os jovens. Nosso interesse foi em captar a percepção de futuro desses jovens, mas sobretudo verificar a semelhanças e especificidades no interior do próprio grupo. O trabalho mostrou que atualmente os jovens projetam seu futuro realizando atividades vinculadas ao universo artístico do hip hop, seja como artistas, produtor cultural ou com fotografia. Entretanto, essa não foi a projeção inicial para nenhum deles. Tais jovens tendo seus projetos iniciais interrompidos, oriundos de uma socialização familiar e moral em busca de ascensão, ajustam seus projetos de futuro, tanto por reconhecerem seus iguais em posições de sucesso quanto pelas retribuições materiais e simbólicas positivas ofertadas no interior da própria experiência da Roda Cultural da Rocinha, em oposição aos investimentos pouco rentosos na escolarização como forma de ascensão.

Palavras chaves: Ação coletiva; Disposições; Favela; Futuro; Juventude.

SUMÁRIO

RESUMO	9
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I. COMPREENDER ESPAÇO DA FAVELA E O ENGAJAMENTO DE JOVENS NA RODA CULTURAL DA ROCINHA	18
1.1- A ROCINHA: UM ESPAÇO SOCIAL DIVERSIFICADO	18
1.2- A TRANSFORMAÇÃO DA FAVELA E O NASCIMENTO DAS BATALHAS DE RIMA	21
1.3- RODA CULTURAL DA FAVELA DA ROCINHA: UM MODO DE SER NA FAVELA	26
CAPÍTULO II. AFINAL, O QUE OS JOVENS ORGANIZADORES DA RODA CULTURAL DA ROCINHA PROJETAM PARA SEU FUTURO?	32
2.1 - A ARTE COMO PROSPECÇÃO DE FUTURO: A RODA CULTURAL DA ROCINHA COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE SONHOS	36
2.2- DESTINOS INTERROMPIDOS	42
CAPÍTULO III - TERRENO FÉRTIL PARA PROSPECÇÕES NO MUNDO DA ARTE HIP HOP	50
3.1- INVESTIMENTOS FAMILIARES, PROJETOS NÃO CONCRETIZADOS E AJUSTAMENTO DE PROJEÇÃO DE FUTURO	50
3.2 - A CULTURA HIP HOP E A RODA CULTURAL DA ROCINHA COMO EXPERIÊNCIA POSITIVA DE JOVENS DA FAVELA	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81

Introdução

Este trabalho tem como foco compreender a forma que jovens moradores da Rocinha e engajados na organização de um evento cultural na favela², a Roda Cultural da Rocinha, projetam e elaboram estratégias de futuro.

Considerando a entrevista com Bourdieu (1983) “A ‘juventude’ não é mais que uma palavra”, o autor faz reflexões sobre o significado de juventude, considerando que essa classificação é alvo de disputa. No Brasil, por exemplo, não existe uma definição única entre as regulamentações jurídicas. O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece como adolescentes pessoas entre 12 anos e 18 anos incompletos, diferentemente do Estatuto da Juventude cuja definição é mais ampla, sendo jovens aqueles dos 15 aos 29 anos.

O grupo em questão nessa pesquisa tem entre 24 e 29³ anos. Optamos neste trabalho considerá-los como jovens, pois tendo como problema de pesquisa a prospecção de futuro nos grupos populares, nosso interesse está em compreender como esses indivíduos nessa idade, oriundos de uma favela, pensam, elaboram e agem em torno da ideia de futuro.

Trabalhos na área da Sociologia da Educação, como o de Almeida e Prestas (2008) buscam pensar a ideia de futuro vinculada à maneira pela qual os jovens e suas famílias prospectam a entrada no ensino superior. Entretanto, na sociedade brasileira, os dados recentes do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) indicam uma taxa bruta de 37,4% de matrículas no ensino superior de estudantes na faixa etária de 18 a 24 anos independentemente da classe econômica/social (INEP,

2. Utilizaremos o termo favela na perspectiva proposta por Silva (2009). Segundo o autor: “Historicamente, o eixo paradigmático da representação das favelas é a ausência. Nesta perspectiva, a favela é definida pelo que não seria ou pelo que não teria”. Este trabalho compreende a favela como potência, o que não significa camuflar os problemas existentes nem a falta de políticas públicas. Deste ponto de vista, opto por não usar o termo comunidade, pois considero uma forma de eufemismo, uma tentativa de resolver problemas somente no discurso. O termo comunidade pode ser associado a outras formas de organizações e uso do espaço urbano, entendendo que a substituição do termo favela por comunidade pode operacionalizar um sentido mais asséptico, o que não coincide com a visão.

3. Quando a pesquisa teve início e se deram os primeiros contatos com os jovens, um entre eles estava com 29 anos. Até o final do trabalho ele completou 30 anos, não se enquadrando mais, pelo Estatuto da Juventude, como jovem. Porém, resolvemos mantê-lo nos dados, tanto porque entendemos que esses recortes de idades são construções sociais, quanto pelas características dele ser muito parecidas com os demais jovens (abandono da escolarização, sem trabalho com carteira assinada, solteiro, sem filhos, e morando com os pais). Esse jovem também é figura central na estruturação da Roda Cultural da Rocinha.

2018). Esses dados vêm reforçar o que o estudo das autoras demonstra, nem todos os jovens efetivamente entram ou ao menos se projetam na universidade. Além disso, no Ensino Médio, dos 3,2 milhões de brasileiros com 19 anos não concluíram o ensino médio, 36,5% não estão mais na escola e, desses jovens, 55% pararam de estudar no ensino fundamental. (DAMÉ, 2018). Isso quer dizer que, apenas para alguns grupos sociais a idade entre os 20 e 29 anos pode ser considerada como uma etapa da escolarização, especialmente se for associada ao ensino superior.

Isso não significa que as famílias com baixa escolaridade não valorizam a escola, como mostra o trabalho de Dayrell e Jesus (2016) elas reconhecem a importância da escolarização. Entretanto, o estudo de Mello e Salles (2020) revela que a escola acaba se tornando um ambiente desinteressante para muitos estudantes dos grupos populares, assim como o diploma não representa uma expectativa para muitos desses jovens, pois a recompensa parece ser bastante incerta. Essa análise coaduna com o trabalho de Moreno e Almeida (2009) sobre os jovens que investiram no movimento hip hop.

A expectativa dos jovens em relação a entrada no ensino superior não é a mesma para todos os grupos sociais. Como explicitou Bourdieu, as “(...) classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar” (Ibidem, p.1983).

Os jovens não se distinguem apenas por seu pertencimento à um grupo social, como mostra Carrano (2019) a juventude é uma categoria bastante heterogênea.

Ao dizermos que não existe “a” juventude, mas juventudes, buscamos enfatizar a multiplicidade de maneiras de ser jovem num mundo de desigualdades, violências e oportunidades diferencialmente distribuídas conforme a cor da pele, o gênero, a classe social e o local de moradia

Os jovens em foco na pesquisa são de um grupo economicamente desfavorecido. Mas, estão em um período da vida que entendemos que eles podem estar operacionalizando prospecção para seu futuro.

Por essa razão, nosso problema de pesquisa está em compreender: (i) se esses jovens prospectam seu futuro; (ii) quais percepções de futuro que elaboram para si e, (iii) quais as disposições sociais contribuíram para a construção de suas prospecções de futuro.

Como aponta Carrano (2019), não é possível falar em juventude no singular, mas juventudes, pois cada jovem tem experiências sociais diferentes. Não se pode dizer que

mesmo dentro de um mesmo grupo social, como são os grupos populares, há homogeneidade. Como demonstra Paixão (2005) a partir de entrevistas com mulheres catadoras de lixo, ainda que valorização da educação escolar seja universal, o sentido de escolarização e os estudos prolongados não são partilhados da mesma forma.

Em sua pesquisa, sobre a prospecção de escolarização dos filhos de mulheres catadoras de lixo, Paixão (Ibidem) demonstra que há uma variedade de vivências e prospecções que se distinguem no interior de um mesmo grupo. Dentro do lixão, as prospecções delas próprias experimentarem a escolarização parece ser um sonho distante. Não há subsídios nem condições favoráveis que tornem a escolarização regular um sonho possível para elas próprias, e sim uma necessidade de suprir condições simples como assinar o nome ou torna-se minimamente parte da sociedade geral, tendo o mínimo de dignidade por meio da escolarização.

Apesar de suas trajetórias escolares terem sido interrompidas, essas mulheres almejam a escolarização de seus filhos, com aspirações, estratégias, finalidades distintas em relação às instituições escolares.

Pesquisas como a apresentada por Almeida e Prestas (2008) e Viana (2012) mostram que se por um lado os jovens de grupos populares ajustam sua prospecção de futuro à sua possibilidade de realização, por outro a maneira pela qual a família investe, pensa e constrói estratégias têm um peso na construção dessa projeção. Entretanto, como podemos ver no trabalho de Moreno (2007), Moreno e Almeida (2009) e Tomizaki e Daniliauskas (2018) não é apenas a socialização familiar que pesa na trajetória dos jovens, outras experiências de socialização – tais como escola, trabalho, espaços de lazer e educação não formal, religião, bairro – podem ter efeitos sobre o que esses jovens almejam e como se movem para concretização de seus desejos.

Ainda que alguns trabalhos tenham descrito a maneira como jovens de grupos populares investem ou alcançam longevidade escolar, que em nossa sociedade está vinculada aos diplomas superiores, que permitem melhores posições profissionais e, portanto, melhores posições sociais (MEDEIROS, 2004), nos interessa entender se no interior desse grupo há variações na maneira que eles concebem e atuam em prol de seu futuro.

Pensar a diversidade das juventudes, como mostram os trabalhos de Spósito (2017), Carrano (2006), Tomizaki e Daniliauskas (2008), permite interrogar sobre “condições de ordem social/econômica (origem e classe social de pertencimento), cultural

e geográfica (etnias, identidades religiosas, tradições culturais, valores e moralidades) e também de gênero” (ibidem., p. 219-220) que podem interferir nessa projeção.

O trabalho busca demonstrar possui assim duas hipóteses centrais: (i) que a prospecção de futuro para jovens de grupos populares mais vulneráveis nem sempre está vinculada à escolarização e inserção profissional via diplomas, (ii) o significado, percepção, projeção de futuro podem variar no interior de um mesmo grupo, com características sociais parecidas. Interessa assim, saber as condições sociais que os aproximam e os distanciam de um projeto de futuro.

Ao dizermos que não existe “a” juventude, mas juventudes, buscamos enfatizar a multiplicidade de maneiras de ser jovem num mundo de desigualdades, violências e oportunidades diferencialmente distribuídas conforme a cor da pele, o gênero, a classe social e o local de moradia. O interesse do trabalho está em demonstrar os investimentos desses jovens tanto na ação coletiva da Roda Cultural da Rocinha quanto em seus projetos de futuro individuais, o que permite interrogar como no interior de um mesmo grupo, jovens possuem condições sociais parecidas e atuam em um mesmo projeto cultural, ocupam posições distintas e se projetam de diferentes maneiras.

a. Metodologia da pesquisa

Para compreender o conjunto de questões apresentadas a pesquisa foi desenvolvida em três eixos: (i) teórico, referente às categorias de juventude, e prospecção de futuro; (ii) de reconstituição da história coletiva da Roda Cultural da Rocinha, bem como dos jovens ali envolvidos; e, (iii) sobre a trajetória de quatro jovens atuantes no grupo, considerando suas experiências familiares, escolares, extraescolares, profissionais, bem como a percepção sobre suas formas de atuação e possíveis projeções de futuro.

No primeiro eixo foi realizado um levantamento bibliográfico que permitiu interrogar sobre a compreensão dos jovens, pertencimento social, experiências educativas e projeção de futuro, a fim tanto de construir uma base teórica analítica quanto pensar questões teóricas frente as trajetórias concretas dessas jovens de origem popular modesta, moradores da Rocinha (CARRANO, 2020; BOURDIEU, 1983; DAYRELL, JESUS, 2016; MORENO, 2007; MORENO, ALMEIDA, 2009; MELLO E SALES, 2020; PAIXÃO, 2005; PRESTAS E ALMEIDA, 2008; SPÓSITO, 2017; TOMIZAKI, DANILIAUSKAS, 2018; VIANA, 2012).

Para o segundo eixo, focalizado na história do grupo, foram analisados tanto fontes bibliográficas já produzidas pela temática (BARROS, 2020; CAMILO, 2011; MELO E SALLES, 2020; PERLMAN, 2003; GONÇALVES, 2014) quanto outras fontes documentais, como reportagens das mídias, redes sociais do grupo, como Facebook, Instagram, e Youtube, além dos próprios relatos dos jovens via entrevista semiestruturadas e conversas informais. As entrevistas tiveram termo de consentimento dos jovens e o projeto foi aprovado via Plataforma Brasil, pelo Comitê de Ética do CFCH/UFRJ (Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio de Janeiro).⁴

No terceiro eixo, referente à trajetória dos jovens organizadores da Roda Cultural da Rocinha e a percepção ou não de futuro, bem como sua correlação com as características sociais, familiares, escolares, profissionais, entre outras experiências foram realizadas 4 entrevistas semiestruturadas via plataformas digitais, além de conversas informais via whatsapp, em razão da situação de pandemia pelo Covid-19. Em alguns casos foram realizadas mais de uma vez a entrevista individual, a fim de capturar o ponto dos jovens e as relações entre eles no interior do grupo. A pedido dos jovens foi realizada uma conversa coletiva, que precedeu as entrevistas individuais. Nessa atividade online a maior parte dos jovens entrevistados estavam presentes, bem como a orientadora da pesquisa.

b. O lugar de pesquisadora

A escolha do tema e a pesquisa me trouxeram desafios, debates e reflexões, junto com as minhas vivências na favela e os meus posicionamentos construídos. Explorar os projetos e estratégias dos jovens da favela da Rocinha é abordar um tema que infelizmente é pouco falado no meio acadêmico, pois a maioria dos trabalhos ligados a favela são temas sobre: violência, pobreza ou criminalidade.

Por tudo isso, as minhas primeiras inquietações no meio acadêmico tinham a ver com o fato que muitos trabalhos acadêmicos pensavam a prospecção de futuro por meio dos estudos e muitas vezes os moradores de favelas são vistos pelo senso comum ou em

4. Toda pesquisa envolvendo ser humano, deve ser submetida para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa através do sistema CEP/CONEP (Comitês de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) antes de seu início. O número do processo desta pesquisa. 41816720.6.0000.5582.

matérias jornalísticas como marginais, aqueles que ocupam posições subalternas e são protagonistas do fracasso escolar.

Como moradora de favela e cursando pedagogia, vi no meu entorno exemplos de jovens e adultos recriam caminhos para chegar no lugar que almejam sem ser por vias escolares, por isso me interessei em desenvolver este trabalho, pois ele dá destaque aos jovens favelados como potência e força criativa.

A realização desta pesquisa perpassa pela vivência pessoal, enquanto moradora há mais de 20 anos e frequentadora da Roda Cultural. Essa posição me deixa próxima dos meus sujeitos e problema de pesquisa, ou seja, minhas experiências sociais são partes da pesquisa.

As minhas idas aos domingos à Roda Cultural ajudaram bastante nas entrevistas, porque mostrava uma certa familiaridade com os jovens, já que eles não eram totalmente desconhecidos na minha percepção, portanto as entrevistas ocorreram de forma confortável e fluída.

Após longas reflexões, começo a ter o olhar de pesquisadora ao lembrar e assistir a Roda Cultural. A partir desta pesquisa, trago como reflexão quais são as disposições que os jovens têm para realizar seus objetivos e como o meio social que vivem os influenciam.

c. Organização do trabalho

A associação de corpos negros e periféricos ao estereótipo da marginalidade é um assunto discutido e pertinente há um tempo. Os jovens da favela, comumente, são vistos muitas vezes como indivíduos com limitações sociais.

Inquieta com as poucas representações de jovens favelados como potência e com a presença bastante comum de imagens que associam pobreza à ideia de marginalidade e comportamentos desviantes da conduta social, esse trabalho nasce do interesse em mostrar jovens da favela, que organizam a Roda Cultural da Rocinha, como uma forma de oferecer atividades culturais que valorizem as representações positivas de jovens que residem na favela. O trabalho buscou responder as seguintes questões: O que esses jovens, envolvido nessa atividade cultural coletiva, projetam para o futuro? Por que esses jovens fazem essas prospecções? Que fatores da trajetória de vida que explicam essa projeção de futuro? Qual a influência da Roda Cultural na vida dos jovens entrevistados?

Para responder a tais perguntas o trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo vamos apresentar a favela da Rocinha, compreendendo-a como um espaço social específico, que apesar de poder ser vista como parte das favelas do Rio de Janeiro, está longe de poder ser considerada como um espaço homogêneo. Além das especificidades territoriais, há uma heterogeneidade no seu próprio interior. O que há, entretanto, em comum é um conjunto de características de abandono e precariedade, fruto da ausência do estado, além do preconceito de residir na favela. Neste capítulo, o interesse está centrado em apresentar esse espaço de disputas e transformações, onde nasce a Roda Cultural da Rocinha, assim como as próprias atividades desenvolvidas pelos jovens.

No segundo capítulo o foco é demonstrar as prospecções de futuro dos quatro jovens em foco na pesquisa, apresentando tanto suas atuais projeções quanto aquelas que foram “deixadas” ao longo de sua trajetória.

O capítulo seguinte, por sua vez, visa apresentar um conjunto de experiências sociais que ajudem à entender o projeto de futuro desses jovens em uma perspectiva de ascensão social e não submissão à trabalhos precários e manuais. Para isso, o capítulo aborda tanto as experiências de socialização familiar para entender as disposições para projeção de futuro em busca de ascensão, quanto as experiências de socialização com o hip hop e a Roda Cultural da Rocinha enquanto retribuições positivas, de modo que esses jovens pudessem ajustar seus projetos de futuro vinculando-os a postos de produção artística ou como artistas da cultura hip hop.

Por fim, as considerações finais apresentam uma síntese dos argumentos desenvolvidos nos três capítulos, trazendo reflexões a partir dos resultados apresentados.

Capítulo I. Compreender espaço da favela e o engajamento de jovens na Roda Cultural da Rocinha

1.1- A Rocinha: um espaço social diversificado

No livro de Bourdieu (2008) “A Miséria do Mundo” o autor escreve um capítulo “Efeito de Lugar”, em que explora o que é “espaço físico e social”, é nessa perspectiva que pensaremos a Rocinha. Segundo Bourdieu (ibidem, p. 153): “O lugar pode ser definido absolutamente como o ponto do espaço físico onde um agente ou uma coisa se encontra situado, tem lugar, existe”. Esse lugar, além de suas dimensões físicas, também se constitui por suas características culturais e sociais. É desta maneira que esse trabalho compreende a Rocinha.

A Rocinha está localizada numa área nobre do Rio de Janeiro, mas configura-se como um lugar marcado pelo forte abandono social. Bourdieu (ibidem, p.159) explica que “(...) esses lugares abandonados, se definem, fundamentalmente, por uma ausência – essencialmente a do Estado, e de tudo o que disso decorre: a polícia, a escola, as instituições de saúde, as associações, etc.”. Desta forma, as presenças e ausências manifestas em uma mesma região geográfica e, portanto, em espaços físicos, são na verdade as traduções de hierarquias, distinções e posições sociais, que traduzem o que o autor denomina de espaço social.

Se a Rocinha se distingue da área nobre que a rodeia, ela tem diferenças no seu próprio interior.

O morro da Rocinha tem acessos por escadarias, becos, ruas principais, travessas, que podem ou não serem asfaltados, ter ou não saneamento básico. O abastecimento de água é significativamente desigual, há uma maioria com água encanada, entretanto alguns moradores se abastecem dos poços de água que existem na favela. É possível coexistir na mesma favela apartamentos, casas de luxo, casas mais simples de alvenaria e moradias mais vulneráveis como as de madeira, sendo alguns ventilados e outros sem nenhuma janela.

O espaço físico da Rocinha tem um ambiente social diverso, plural e repleto de complexidades tanto no que se refere à infraestrutura física quanto aos modos de vida.

A Rocinha passou por diversas transformações ao longo do tempo, o espaço e a população foram se diversificando no seu próprio interior. Atualmente há moradores que viraram comerciantes e prestadores de serviços na própria Rocinha, aproveitando a boa

localização da favela e o bom relacionamento com a favela, o que também favorece os próprios moradores que muitas vezes não precisam se afastar de onde vivem em busca de compras de produtos de consumo, eletrônicos, serviços como cabeleireiro, médico, veterinário.

Há também um número considerável de trabalhadores que saem da favela para oferecer seus serviços para o comércio ou empregadores dos bairros luxuosos que estão no entorno da Rocinha. São domésticas, vendedores, atendentes, caixas e outros tantos trabalhos que podem ou não estabelecer contratos formais, deixando alguns em situação de segurança e outros em vulnerabilidade no que se refere às garantias trabalhistas.

Existem aqueles moradores que realizam atividades que já estão naturalizadas como sendo realizadas sem qualquer possibilidade de ter carteira assinada, como são exemplo os entregadores de aplicativos, pedreiros, os mototáxis, ou mesmo indivíduos que passam recolhendo doações de roupas e objetos para vender e arrecadar fundos.

De toda forma, a favela possui um comércio farto de lojas de grandes nomes, que favorecem tanto os moradores a realizarem suas compras sem grandes deslocamentos quanto a chance de encontrar um emprego próximo de casa. Os comércios geridos por moradores locais, tornam-se igualmente um atrativo para o público externo em busca de preços melhores.

A Rocinha é o maior aglomerado subnormal⁵ do país, com 25.742 domicílios e 69.161 pessoas vivendo, segundo o IBGE (2010). Por se situar “entre dois dos bairros com os IPTUs⁶ mais altos do Rio de Janeiro, Gávea e São Conrado, a proximidade com as residências de classe média alta desses bairros cria um profundo contraste urbano na paisagem da região” (CIESPI,2020).

Comparada com outras favelas da região oeste e norte do Rio de Janeiro, a Rocinha se encontra em um lugar privilegiado que é a Zona Sul, uma área que atrai muitos turistas. Exatamente por estar localizado em uma das áreas mais valorizadas do Rio de Janeiro, a favela se beneficia de equipamentos e serviços como bancos, escolas, metrô, uma rede farta de transporte público muito próxima da área baixa da favela, o que simplifica o acesso dos moradores para diversas áreas da cidade, facilitando a busca do emprego, o acesso às instituições educacionais e áreas de lazer.

5. Subnormal são casas aglomeradas umas em cima das outras, de forma legal ou ilegal, pois não há fiscalização (IBGE, 2010).

6. Sigla de Imposto predial e territorial urbano.

Apesar dessa localização privilegiada, segundo a pesquisa do Mapa da Desigualdade 2020⁷, lançado pela Casa Fluminense, foi analisado que os moradores da Rocinha têm a perspectiva de vida mais baixa do que os moradores dos bairros vizinhos.

Para ficar mais claro: quem mora em São Conrado pode viver 23 anos a mais do que as pessoas residentes na maior favela do país. Já a diferença entre os moradores de Ipanema e da Rocinha é de 29 anos, a maior média contabilizada em todo o município do Rio.

Ainda que a localização geográfica traga “benefícios”, às desigualdades para os moradores da favela são gritantes. Para além da vulnerabilidade também presente na favela, ela ainda é considerada uma área “hostil”. As imagens muitas vezes produzidas pela mídia e redes sociais acabam associando os moradores e os jovens da Rocinha, com ideias de “desorganização”, “marginalidade”, entre tantos outros estereótipos, que apesar de terem sido apontados por estudos como “mitos” e “estigmas” associados à favela (PERLMAN, 2002)⁸, ainda persistem.

Um exemplo bastante recente é um vídeo compartilhado no Facebook. Nele havia jovens segurando armas e com isto internautas colocaram legendas e comentários pejorativos e depreciadores como: “até quando? ”, “STF proibiu a polícia de agir no Rio de Janeiro, olha o resultado”, “veja quem está mandando agora”. Mesmo com a presença de cinegrafistas e de claquetes no vídeo, a cena foi viralizada e usada em outro contexto depreciando a favela. No dia 26 de agosto de 2020, o Jornal Estadão publicou uma matéria desmistificando o vídeo, e explicando que o grupo de jovens na Rocinha estavam participando da gravação do filme “Rocinha: Toda história tem dois lados” e que as armas eram de brinquedo.

É nesse espaço físico e social que os jovens em foco nesta pesquisa viveram e/ou vivem. São majoritariamente jovens negros, que investem de diferentes formas na produção de uma atividade cultural, em que são desenvolvidas as batalhas de rima que caracterizam a denominada Roda Cultural da Rocinha.

7. CASA FLUMINENSE. Mapa da Desigualdade: Região metropolitana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade/>. Acesso em: 01 de março. 2021

8. A primeira versão do trabalho foi publicada em 1976, em inglês.

1.2- A transformação da favela e o nascimento das batalhas de Rima

Os jovens em foco nesta pesquisa, nascidos entre os anos 1991 e 1996, viveram na infância um momento o qual havia muita oferta de projetos socioeducativos, tanto privado quanto público, destinados às crianças e jovens da Rocinha.

Havia projetos culturais, educacionais e esportivos, entre eles o do Clube Umarama⁹, um clube particular, situado no Alto Gávea, que em 1999, em parceria com a Unicef, criou o Projeto Rumo Certo. Posteriormente, o clube foi arrendado, e passou a funcionar o Projeto Segundo Tempo, que funcionou entre os anos de 1999 a 2008. Este projeto era subsidiado pelo Ministério do Esporte¹⁰ para desenvolver as atividades.

Segundo Catarina (2004, p.90) “A principal missão do projeto Rumo Certo - Vila Olímpica da Rocinha - é levar esperança a essas crianças, retirando-as das ruas e afastando-as das drogas”. Entre as atividades oferecidas havia o chamado “reforço escolar” e diversos esportes como natação, futebol e basquete, que eram ofertados no contraturno escolar. A ação também incluía servir refeição, o que era importante, pois muitos participantes iam direto do projeto para a escola.

Outros projetos eram realizados pelas escolas particulares da Gávea. A Escola Americana oferecia cursos de inglês duas vezes na semana para crianças e jovens, moradores da Rocinha e a Escola Teresiano desenvolvia aos sábados o projeto chamado “Escola Aberta”. Neste projeto, os jovens da favela podiam participar do “reforço escolar”, atividades esportivas, dança, teatro e também era oferecido lanche aos participantes.

Os jovens entrevistados relembram as atividades dos projetos sociais com alegria, falam da importância que essas atividades tiveram quando eram crianças, pois a saída para espaços fora da comunidade permitia que eles pudessem conhecer lugares que não tinham acesso. Eles citam essas experiências como grandes espaços em que tinham liberdade para brincar, assim como falam com prazer ao se lembrarem dos esportes e dos projetos socioeducativos.

Essa fase da infância e adolescência é relatada com nostalgia pelos jovens em foco

9. O Clube Umarama foi fundado em 1987, localizado no alto da Estrada da Gávea, o clube tinha quadras, piscinas e um amplo espaço para recreação, tinham em cerca 600 sócios da classe alta que raramente frequentavam o espaço, hoje o clube deu espaço para a Escola Municipal André Urani Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais fundada em 2013.

10. SUDERJ, < http://www.suderj.rj.gov.br/segundo_tempo.asp> Acesso em: 30 de maio de 2021

na pesquisa, pois se lembram que nos anos 2000 havia uma gama de eventos comemorativos, como o Dia das Crianças, Cosme e Damião, Páscoa, “Natal sem Fome”¹¹. Nessas datas sempre havia eventos e comemorações nas ruas, além de distribuições de brinquedos, pipoca, algodão doce, cachorro-quente e brinquedos como pula-pula que eram montados entre as vielas. A favela era bastante festiva, com clima tranquilo, até mesmo espaço para a comunidade LGBT¹². Vale lembrar que a Rocinha foi uma das primeiras comunidades a organizar uma Parada LGBT¹³.

Existiam espaços na Rocinha, como a Garagem da curva do S e a Garagem da rua 4 que eram frequentados pelos moradores, pessoas do asfalto¹⁴, artistas, jogadores de futebol e atores. Eram feitos shows como da Ivete Sangalo, Claudia Leitte, Alcione, Banda Calypso, Gilberto Gil, Zeca Pagodinho, Charlie Brown Jr e Arlindo Cruz, são alguns nomes que se apresentaram na favela. A grande atração que marcou a história da Curva do S, foi o show do rapper norte-americano, Ja Rule (Imagem 2), que fez o show, reunindo mais de 10 mil pessoas no local.¹⁵

A Rocinha também foi escolhida como cenário para a gravação do DVD do O Rappa, que vendeu 80 mil cópias entre CD's e DVD's¹⁶ (Imagem 1).

Outros tipos de apoios, oriundos dos movimentos da própria favela, também eram presentes para a realização dos eventos.

Os eventos movimentavam o comércio local e geravam lucros para a comunidade. Tinha uma divulgação forte, tanto para as pessoas dentro da comunidade quanto para as pessoas que moravam em outras regiões. Havia vans para buscar pessoas que não moravam na favela, mas desejavam ir aos shows.

11. “Natal sem fome” era um evento que ocorria em dezembro. Eram recolhidos alimentos para serem distribuídos aos moradores da Rocinha. Para que o evento se tornasse uma festa, atores, atrizes, cantores subiam a favela e distribuíaam brinquedos. No dia da festa eram montados brinquedos como pula-pula, futebol de sabão, escorrega inflável. Também havia bastante comida. Era um dos eventos mais esperados pelos moradores.

12. LGBT é uma sigla que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero.

13. “Gay Pride in Rocinha!” *The Santa Barbara Independent*,

Disponível em: www.independent.com/2010/11/05/gay-pride-rocinha/. Acesso em: 19 de maio 2021

14. O termo “pessoas do asfalto” serve para identificar pessoas que moram fora da comunidade e são ricas, moram em bairros nobres, mas frequentam a favela.

15. Informações divulgadas pelo Estadão com o título “Show de Ja Rule reúne mais de 10 mil na Rocinha” < <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,show-de-ja-rule-reune-mais-de-10-mil-na-rocinha,206189>>

16. SILVIO E. Rappa volta aos palcos nesta sexta-feira e anuncia álbum novo para 2012. O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/rappa-volta-aos-palcos-nesta-sexta-feira-anuncia-album-novo-para-2012-2897799>. Acesso em: 15 de maio de 2021

Imagem 1: Panfleto de Divulgação da Gravação do DVD O Rappa na Rocinha



Fonte: Facebook,¹⁷ 2016. Acesso em: 18 de maio de 2021

Imagem 2: Panfleto de Divulgação Show Ja Rule na Rocinha



Fonte: Facebook¹⁸, 2015.

Esses eventos tinham ingressos com preço popular ou simplesmente eram gratuitos, os moradores também assistiam em cima das suas lajes, os shows eram realizados/apoiados pela associação dos moradores, estabelecimentos comerciais, grandes marcas de bebidas alcoólicas como Itaipava e Antártica, que comercializavam sua bebida com exclusividade durante o evento.

Nesse período algumas Rádios como a Rádio FM “O dia” também realizavam eventos na favela, assim como o governo do estado. A eleição para vereador de “Claudinho da Academia”, primeiro morador da Rocinha eleito para esse cargo, parece ter sido um fator importante para o investimento do estado na favela. Querido e fluente

17. Disponível em: Jailson Loyola <https://www.facebook.com/jailson.loyola>. Acesso em: 18 de maio de 2021

18. Disponível em: Jorge Santos <https://www.facebook.com/kadinho.boadanoite>. Acesso em: 18 de maio de 2021

na favela, Claudinho ajudava na organização dos eventos dentro da Rocinha.

Essas experiências educativas, culturais e esportivas fizeram parte da infância e início da adolescência dos jovens em foco na pesquisa. Eles contam que ainda na infância puderam experimentar os eventos dentro da favela, uma vez que não tinha fiscalização que vetasse a entrada deles por sua faixa etária ou mesmo pela posse de ingresso. Alguns relatam que fugiam de casa para ir para aos shows, e outros narram que a própria família os levava.

Em uma das entrevistas, um jovem narrou que pulou o muro da Garagem da Curva do S tranquilamente para participar do show, já que não tinha dinheiro para comprar o ingresso.

A Garagem da Curva do S¹⁹ é um espaço da favela que ficou marcado na memória dos entrevistados por ser um ponto de encontros e distrações. Porém, o Projeto de Aceleração do Crescimento (PAC), que teve início em 2008, acabou alterando os espaços da favela, como a “Garagem da Curva do S” e “Garagem da Rua 4”, locais onde ocorriam os shows referidos. Por ter duas garagens amplas na favela, quando ocorria show na Garagem da Curva do S, os ônibus ficavam estacionados na Garagem da Rua 4.

O PAC previa o processo de urbanização de vielas, criando novos espaços e acessos na favela, assim como a construção de serviços públicos como a Clínica da Família, Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e um conjunto habitacional. Entretanto, para isso, houve uma transformação no espaço físico da Rocinha. As garagens foram desativadas e a empresa que guardava seus ônibus no local foi indenizada, mas, os moradores da Rocinha perderam o local em que ocorriam os grandes shows. Os benefícios na área de saúde e habitação promovidos pelo PAC, que também gerou novos empregos e melhores condições de locomoção dos moradores, seja a pé ou por meio de veículos, também implicou na perda do espaço de socialização tradicionalmente ocupado pela comunidade.

Mesmo as obras começando em 2008, foi um processo lento e ficaram prontas em 2010, quando o ex-presidente Lula veio à comunidade inaugurar três unidades de saúde que vieram do investimento do PAC. Além das unidades de saúde a comunidade ganhou novos espaços o Complexo Esportivo, que contém quadra, campo de grama sintética e piscina. A favela ganhou uma passarela de pedestres projetada pelo arquiteto Oscar

19. Antiga garagem e terminal de ônibus da empresa Amigos Unidos era o local que ocorriam shows e eventos.

Niemeyer ligando a Rocinha ao Complexo Esportivo, (antigamente a passarela era de madeira). Houve o alargamento das vielas, a criação da Biblioteca Parque, Clínica da Família e o conjunto habitacional para pessoas que precisaram ser relocadas, pois foram removidas de suas casas por conta do PAC.

Hoje, a antiga Garagem da Curva do S foi ocupada pela Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e a Clínica da Família. A Garagem da Rua 4 foi transformada em um conjunto habitacional, com prédios coloridos.

Ainda em 2010, Claudinho, o morador da Rocinha que representava a favela na Câmara de Vereadores, faleceu. As transformações físicas que impactaram nas atividades de socialização e cultura, também perdeu seu representante no espaço político.

Em 2011, um ano após o fim das obras do PAC, a Rocinha iniciou o projeto recebendo a força armada, a inserção da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Nesse período também houve a prisão do traficante Antônio Bonfim Lopes (Nem da Rocinha), alterando as relações no interior da favela. Nem da Rocinha tinha uma política passiva dentro da comunidade, pois evitava problemas como ataques a policiais, ter homens armados na rua, buscando assegurar uma boa relação entre a comunidade e a população exterior. Ele mantinha um clima de tranquilidade na comunidade para agradar os moradores e atrair pessoas de fora, permitindo que o comércio local ganhasse e todos pudessem se beneficiar.

Como Glenny (2016, p.3) escreve:

No caso do traficante “Nem da Rocinha”, há um traficante de renome nacional, no morro da Rocinha as ordens desse traficante eram superiores às próprias ordens do Estado. Seu império se sustentava em duas vertentes, a primeira era nos investimentos na comunidade, pois boa parte dos lucros eram revertidos à comunidade para que ela se sinta cuidada, feliz, próspera e segura; a segunda é o dinheiro investido para corromper a polícia, haviam informantes na PM e na PC que informavam com antecedência sobre todas as investigações e ações, e assim possibilitava que ele se preparasse e estivesse sempre à frente.

Com essa estratégia, Nem da Rocinha era respeitado na comunidade, havia prosperidade e segurança na comunidade, satisfazendo os moradores da favela e trazendo pessoas de outros bairros para visitar e frequentar a vida noturna.

Após a prisão do Nem em 2011 e a instalação da Unidade de Polícia Pacificadora no mesmo ano, a favela passou por um período de grande insegurança.

Com o clima instável e as mudanças na favela, a Rocinha já não era mais vista como um lugar tranquilo. Os projetos sociais e culturais também foram diminuindo, afetando os moradores.

É nesse clima e falta de eventos culturais, que em 2012, moradores interessados pela cultura hip hop criaram na favela o Encontro Ideias e Rimas²⁰. Esse evento acontecia uma vez por mês aos domingos, a fim de resgatar a cultura hip-hop e levar entretenimento para a favela. A atividade era inspirada nas rodas de rimas que já aconteciam no Rio de Janeiro, e traziam batalhas de MC's e B.boys todo o 2º domingo do mês. O Encontro aconteceu até o ano de 2017 e foi interrompido em virtude da instabilidade, insegurança e vulnerabilidade, instaurada pelas disputas internas da Rocinha, que resultou em constantes conflitos armados no interior da favela.

Esse fato impactou diretamente nos eventos, reduzindo ainda mais o espaço de lazer.

Essa transformação da Rocinha aparece no decorrer das entrevistas feitas com os jovens. Eles comparam as experiências que tiveram com a atual realidade.

Atualmente, não há muitas opções de projetos socioeducativos, nem atividades culturais gratuitas. As festas em datas comemorativas ficaram escassas.

É nesse contexto que em 2018 surge a Roda Cultural de Rocinha, fruto da mobilização de um grupo de jovens interessados em valorizar e perpetuar a cultura produzida pelos próprios jovens da Rocinha, além de se tornar o ponto de encontro dos moradores aos domingos.

1.3- Roda Cultural da favela da Rocinha: um modo de ser na favela

A Roda Cultural da Rocinha foi fundada no dia 01 de junho de 2018, por jovens da favela que em sua maioria eram espectadores do Ideias e Rimas. Com o fim da atividade do Ideias e Rimas, a Roda Cultural da Rocinha surge com o intuito de garantir essa atividade ligada à cultura hip hop, que é menos dominante nesse espaço²¹. Ainda que na Rocinha a cultura hip hop não era muito presente, a pesquisadora Rôssi Alves (2019)

20. O Encontro de Ideias e Rimas é um evento criado em 2012 por Mc Oz, M. Souza, e TV Tagarela com intuito de difundir a cultura HIPHOP na comunidade da Rocinha. Disponível em <<http://www.falaroca.com/mapa/#lat=-22.988708322431364&lng=-43.24609137914195&zoom=16>>. Acesso em: 30 de jun. 2020.

21. Entrevista realizada no dia 01 de fevereiro de 2021, com o Leonardo organizador da Roda Cultural da Rocinha.

havia listado em 2019 mais de 150 rodas culturais no estado do Rio de Janeiro.

A Roda Cultural da Rocinha nasceu inicialmente como uma atividade desenvolvida uma vez por mês. O sucesso da Roda Cultural foi tão significativo que os organizadores passaram a realizar os encontros todos os domingos.

O evento passou a ser conhecido pelos seus frequentadores como Culto Dominical, fazendo referência ao artista Maxwell Alexandre²² morador da Rocinha que criou a chamada igreja do reino da arte. Os membros, que são moradores e envolvidos com a arte são batizados pelo artista. Não é qualquer pessoa que pode se batizar. O batismo só ocorre após o tempo de observação que o Maxwell Alexandre concebe como adequado, sendo ele próprio o sujeito que batiza aqueles que desejam participar do grupo. Vale notar que o organizador da Roda Cultural da Rocinha é batizado pelo Maxwell. Os dois se conhecem desde que o Leonardo tinha 18 anos. Existe uma relação de confiança e companheirismo entre eles. Hoje o organizador da Roda Cultural da Rocinha é um dos colaboradores²³ das exposições do Maxwell, sendo modelo do artista, responsável pela montagem das exposições do artista, além de realizar tarefas como a compra de organização materiais utilizados pelo artista.

A Roda Cultural da Rocinha é um evento independente, sem financiamentos institucionais, surgindo e se mantendo pela ação dos jovens da favela, que passaram a organizar os encontros, realizar a divulgação do evento, além de buscar atrações, patrocínio local, e a autorização para ocupação de praças ou ruas da favela.

A roda é frequentada majoritariamente por jovens do sexo masculino, predominantemente negros, de várias tribos e estilos. O que se via, antes do período de pandemia, era a presença de crianças, funkeiros, “playboys”²⁴ que sobem o morro para prestigiar as batalhas, se tornando uma atividade de sociabilidade e entretenimento para toda comunidade e para quem vem de outras regiões.

O local que acontece a Roda Cultural, Roda de Rima ou ainda Roda de Freestyle - nomes utilizados para se referir ao evento - é percebido como um lugar seguro, que não existem preocupações em relação à assalto. A Roda Cultural da Rocinha não é vista como uma atividade que ocorre em um lugar perigoso, diferentemente da Roda Cultural do

22. Maxwell Alexandre é designer, morador da Rocinha e usa a sua realidade para fazer quadros para exposições.

23. Leonardo conta na sua entrevista do dia 01 de fevereiro de 2021 sobre o seu relacionamento com o Maxwell.

24. Pessoa que pertence à classe média alta que não mora na favela.

Viaduto de Realengo, que os frequentadores ficam em estado de alerta, pois acontecem assaltos/furtos no local/região, como explicita o Barros (2020).

Essa segurança deixa o público a vontade em relação aos assaltos/furtos, porém a maior preocupação é a “batida policial”²⁵ (que não acontece com frequência). Entre os receios dos organizadores do evento é a polícia flagrar algum usuário de drogas, levá-lo preso e prejudicar a realização do evento. Por essa razão, durante as atividades é comum pedirem para os frequentadores não fumarem maconha no local e no entorno, a fim de evitar que os organizadores sejam responsabilizados juridicamente. A roda é credenciada na Prefeitura do Rio de Janeiro, o que permite que a atividade funcione de forma legal, ou seja, com autorização para o usar o espaço público. Por essa razão, se a polícia encontrar alguma atividade ilegal os organizadores também são responsabilizados.

O Culto dominical acontece todos aos domingos por volta das 19h na praça do Skate da Rocinha. As batalhas de rima começam por volta das 20h. Antes da batalha iniciar, os jovens se inscrevem para batalhar, e permanecem com seu grupo de amigos.

A roda é composta pelo DJ que é responsável por reproduzir músicas, beat (batida que os MC’s usam para rimar) e produzir efeitos sonoros. Há também o mestre de cerimônia (MC) que apresenta o evento, anima e participa das batalhas de rima. O fotógrafo que registra as atividades para poder ajudar nas divulgações da Roda Cultural nas redes sociais. Além dos jovens que duelam nas batalhas de rimas.

A batalha é uma manifestação artística que se caracteriza pelo *freestyle*, ou seja, o improviso de rimas sobre algum tema, como: sexo, drogas, rap, poder, revolta, polícia, problemas urbanos, educação, cultura, preconceitos, além de outras temáticas da realidade vivida dentro da favela e outros assuntos do cotidiano.

O freestyle “desinteressado” é a rima de improviso criada em situação de descontração, cujo objetivo é construir uma poesia da qual emane emoção e mensagem. Há normalmente uma narrativa, pois parte se, comumente, de um tema “proposto” pelo primeiro a rimar (a exceção dá-se quando o rimador faz seu freestyle sozinho, podendo “passar” por vários temas) e, numa socialização e respeito à roda de rimadores, mantém-se o tema, desenvolvendo-o. Essa rima é bastante devedora dos estímulos externos. Na ausência de um tema específico (ou mesmo sob a tutela deste), o rimador, liberto para criar, pode construir sua

25. Batida policial é nome para se referir um movimento de fiscalização da polícia sem aviso prévio.

poesia em torno de fatos do cotidiano, temas abstratos, situações em curso. A rima criada por um MC²⁶ em momento de batalha, embora se deseje emocionante e portadora de mensagem, nem sempre resulta nisso, dada a grande pressão que envolve o candidato, no momento da realização – curtíssimo tempo para elaboração da rima, tensão por participar de um duelo, expectativa da plateia, entre outros fatores (ALVES, 2014).

Ainda que o freestyle seja uma característica da batalha, existem diversas modalidades de batalhas que respeitam esse formato. Entre elas há a nomeada de batalha de conhecimento que geralmente é composta por dois participantes que “duelam” um contra o outro, a partir do tema em que o MC (mestre de cerimônia) sorteia. Outro tipo de batalha é a “de sangue”, cujo objetivo é ridicularizar, ofender e atacar o oponente. Os duelos das duplas casadas são outra modalidade, nesse tipo de batalha cada dupla disputa uma com a outra, podendo ser uma batalha de conhecimento ou de sangue). Neste tipo de batalha um membro da dupla assume a posição de primeiro batalhador, e o segundo responde a posição de responder a rima da dupla oponente.

Geralmente são abertas 16 vagas por noite, que são sempre ocupadas. Essa organização faz com que os jovens que queiram batalhar cheguem cedo ao evento.

A Roda Cultural da Rocinha recebe jovens de todas as localidades da cidade: Zona Sul, Oeste, Norte e Centro. Existe um grupo fiel que sempre retorna na Roda Cultural, seja para batalhar, beber, socializar, ou simplesmente assistir e prestar atenção no que as batalhas falam/transmitem.

A escolha do vencedor é feita pelo público, que se torna “júri”. Nota-se que o público fica bastante atento durante as batalhas, prestando atenção exclusivamente nas rimas, deixando de lado os celulares e as conversas paralelas.

A cada término da batalha o Mestre de Cerimônia (aponta para cada participante da batalha e nesse momento os expectadores manifestam a sua satisfação por meio de gritos e palmas. Esses gestos se tornam o medidor para aqueles que estão fazendo a rima. O Mestre de Cerimônia ²⁷(MC) que apresenta as batalhas, sempre relembra ao público para votar apenas em um dos jovens. Em caso de dúvida ou empate sonoro o apresentador

26. MC nesse contexto são os meninos que se inscrevem nas batalhas e “duelam”.

27. Neste caso o Mestre de Cerimônia (MC) é quem apresenta a batalha.

pede contagem de votos, solicitando que as pessoas presentes votem, levantado o braço, o que permite a contagem de votos quando a disputa é muito acirrada.

A roda premia os jovens vencedores por meio de doações de comerciantes locais, seja oferecendo boné e/ou bolsa de uma marca da favela, ou tatuagens que são executadas por um tatuador da favela, ou corte de cabelo, entre outros prêmios que são ofertados por patrocinadores da favela. Apesar das premiações, o mais importante é o símbolo de ser ganhador. Essa posição faz com que o jovem seja reconhecido como um bom “batalhador”, o que permite “fazer a galera vibrar”, e ao mesmo tempo possibilita o “nome” do jovem possa ser reconhecido tanto dentro quanto fora da favela, especialmente em outras batalhas de rima que acontecem em outras regiões da cidade. Tornar-se reconhecido por ganhar batalhas de rimas também é visto pelos jovens como uma possibilidade de passar do campo do amadorismo e ir para o campo profissional, isso quer dizer que muitos desses jovens desejam se tornar um rapper reconhecido, assinar contratos com gravadoras, receber patrocínio para gravar clipes e vídeos e gerar milhares de visualizações.

Os jovens envolvidos na produção da Roda Cultural da Rocinha têm iniciativas para além daquelas ligadas à cultura. Eles realizam atividades sociais e educativas como, por exemplo, a coleta de alimentos e agasalhos, doações de livros, além da articulação e diálogo com a Associação dos Moradores da Rocinha em busca de fazer melhorias e reparos no espaço que é realizado a Roda. A ocupação do espaço trouxe visibilidade e vitalidade ao local. Os jovens foram atrás de melhorar as condições da praça do Skate, no que se refere à iluminação do local, a pintura do espaço e o saneamento básico. Após o início das atividades da Roda Cultural, os organizadores passaram a incentivar o cuidado e respeito com o espaço físico, assim como a compra de bebidas e comidas no comércio local, a fim de favorecer o movimento econômico local.

Os organizadores entendem que é importante ter uma “boa convivência”, que é traduzido na fala deles como “boa vizinhança” ao seu entorno.

Além da batalha de rima que é o principal foco, a roda abre espaço para apresentações teatrais, exposições de artes, como grafite em muros, quadro, artesanatos, poesias autorais declamadas no microfone por artistas locais, vendas de bebidas que ajudam arrecadar fundos, brechó, entre outras coisas.

A roda ocupa um espaço de notoriedade na favela, é um lugar de encontro, de troca, do flerte, das diversas culturas com o hip hop. Na roda Cultural da Rocinha é

possível perceber a presença de indivíduos que se identificam com as diferentes culturas da favela, como por exemplo funk e o hip hop, que costuma serem vistos como tribos que não se misturam.

Nota-se que o grupo de jovens que organizam a Roda Cultural da favela da Rocinha fazem diversos investimentos para a realização do evento, disponibilizando tempo, recursos financeiros, produção de materiais de divulgação, além da produção cultural que a atividade exige.

Uma vez que o projeto coletivo da Roda Cultural da Rocinha ocupa um lugar tão significativo na vida desses jovens, tal experiência faz parte de seus projetos de futuro? Que prospecção de futuro esses jovens da favela da Rocinha elaboram para si?

O próximo capítulo busca responder essas questões.

Capítulo II. Afinal, o que os jovens organizadores da Roda Cultural da Rocinha projetam para seu futuro?

Este capítulo visa, por meio das narrativas dos organizadores Roda Cultural da Rocinha, investigar sobre as prospecções de futuro desses jovens. Foram entrevistados quatro jovens, sendo três homens e uma mulher, todos com idade acima de 24 anos. Eles foram criados e são moradores da favela da Rocinha.

Os jovens em questão são Leonardo, Pedro, Rodrigo e Célia,²⁸ nomes fictícios que foram criados a fim de garantir o anonimato deles.

Leonardo, Pedro e Rodrigo são solteiros, sem filhos e moram com a família. Célia tem dois filhos e mora com o marido. Todos eles atualmente, ganham dinheiro com a arte, mas nem todos conseguem tornar isso a sua renda principal, tendo que complementar com alguns trabalhos informais. O Pedro faz bicos, em dias ensolarados ele é chamado para ajudar na barraca de praia de um conhecido, trabalha vendendo bebidas e ajuda na montagem e desmontagem das barracas. O Rodrigo, por exemplo, trabalha fazendo entrega via aplicativo. A Célia trabalha com a fotografia, fazendo ensaios e produzindo conteúdos audiovisuais e o seu marido é barman, o que ajuda complementar a renda da sua casa. Leonardo trabalha na equipe do pintor Maxwell, organiza agenda, ajuda na montagem e desmontagem das exposições, na compra de materiais, entre outras coisas.

A ideia da Roda Cultural, surgiu entre conhecidos, em uma conversa no bar na própria favela. O desejo comum dos jovens era difundir a cultura hip-hop²⁹ na favela da Rocinha, criando um lugar de acolhimento para a juventude e expressão da realidade, por meio de versos de freestyle.

Célia, Pedro e Leonardo se reúnem semanalmente, normalmente às quartas-feiras, para organizarem os encontros de domingo, dia em que a Roda acontece. O Rodrigo não é tão assíduo nas reuniões, participando apenas quando tem alguma demanda específica como, por exemplo, o show de um cantor famoso. Nestas ocasiões ele fica como “staff”,

28. Características sociais e familiares dos entrevistados se encontram em anexo nas páginas 78,79,80 e 81.

29. “A cultura hip hop emergiu como fonte de formação de uma identidade alternativa e de status social para jovens numa comunidade, cujas antigas instituições locais de apoio foram destruídas, bem como outros setores importantes. (...) A identidade do hip hop está profundamente arraigada à experiência local e específica e ao apego de um status em um grupo local ou família alternativa. Esses grupos formam um novo tipo de família, forjada a partir de um vínculo intercultural que, a exemplo das formações das gangues, promovem isolamento e segurança em um ambiente complexo e inflexível. E, de fato, contribuem para as construções das redes da comunidade que servem de base para os novos movimentos sociais” (Rose, 1997, p.202)

garantindo a assistência, segurança do artista, bem como a organização do show.

As pautas das reuniões são: programação do domingo, artista convidado (se tiver), batalhas, premiações (quando têm), ações sociais, gastos e conversas sobre possíveis patrocínios. Desde o início cada um assumiu funções e responsabilidades distintas na Roda Cultural.

Leonardo nascido em 1991, no início da pesquisa estava com 29 anos. Atualmente, tem 30 anos, se define como negro³⁰ e é o organizador principal da Roda Cultural da Rocinha. Ele é responsável pela parte burocrática e administrativa, tem o apelido de Capitão tanto por ser o mais velho dos integrantes desde a formação da Roda Cultural, quanto por ser visto como a grande liderança do grupo.

O Pedro, nasceu em 1996, tem 25 anos, se autodeclara como negro e é o Mestre de Cerimônia, a sua função é apresentar as batalhas e interagir com o público, tornando o ambiente mais envolvente. Apesar dessa função específica, que torna a pessoa de grande visibilidade na condução da atividade, ele se considera como responsável pelo “trabalho braçal”, uma vez que ele faz várias funções que requerem mais esforço físico do que intelectual – capacidade que ele atribui ser uma característica do Leonardo. Como o Pedro diz na entrevista:

Não dizendo que eu não sou cabeça gente, é porque pô tá entendendo? Eu sou o mano que vai desmontar o som, vou chegar junto, vamos resolver da minha forma, eu sou do trabalho braçal. Se for pro pau quebrar, o pau vai quebrar, se for pra cantar, eu vou cantar, se for pra carregar, eu vou carregar, se for pra dormir eu vou dormir tá, entendendo? Mas se for pra tipo assim bagulho a fundo não que eu não saiba, só que eu vou lidar de outra forma, tá ligado? E eu sei que o Leonardo tem um desenrolado, e por isso ele é da parte burocrática então. É o Capitão pô, Capitão, como? Ele que resolve.³¹

30. Ao tratar da questão racial e de como os entrevistados se autodeclaram, entendemos que ser negro no Brasil é ter menos vantagens sociais, enfrentar olhares discriminatórios, receber menores salários e precisar provar/lutar para receber os mesmos direitos de pessoas brancas. Isso acaba impactando diretamente na percepção que os sujeitos têm de si, sendo que muitas vezes os indivíduos podem não se nomearem como negros. Por isso, optamos por trabalhar com a autodeclaração, para entender melhor a percepção que esses jovens têm de si.

31. Pedro. Entrevista com Pedro. [jan. 2021]. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

Desde quando Pedro frequentava o encontro Ideias e Rimas, ele tinha o costume de ajudar carregar caixas de som. Isso significa que eles foram realizando a divisão de tarefas e a imagem de si no grupo, na relação uns com os outros.

Leonardo é visto como a pessoa “paciente” e “desenrolado”, ou seja, que tem maior desenvoltura para resolver questões da comunicação verbal, particularmente que envolvem a estrutura da Roda como, por exemplo, conseguir patrocínio ou intermediar algum desentendimento entre os integrantes da Roda Cultural ou problemas externos envolvendo a Roda Cultural.

Célia nasceu em 1994, tem 27 anos, se declara branca e é responsável pela mídia social da Roda Cultural. Desde 2019, Célia fotografava a Roda Cultural, porém de forma independente, com o objetivo de aumentar seu portfólio nas redes sociais. Assim que o Leonardo notou sua presença, a chamou para fazer parte da organização, oferecendo a função de cuidar do audiovisual e criar conteúdo nas redes sociais, a fim de divulgar e atrair olhares para a Roda.

O Rodrigo nascido em 1994, tem 27 anos, se define como branco e sua função é apoiar durante a realização da Roda Cultural. Nos eventos ele fica de canto, caso aconteça algo inesperado ou surja alguma demanda, os integrantes recorrem a ele. Tal função não impede que ele participe das batalhas de forma assídua, duelando inclusive em batalhas de rima fora da Rocinha como, por exemplo, a Liga Interestadual de rap³². Nestes eventos ele, enquanto representante da Roda Cultural da Rocinha, acaba divulgando o nome do grupo.

Os jovens entrevistados, ao falarem do envolvimento com o hip-hop e com a rima, apontam o espaço como lugar de união, pois reúne jovens periféricos, criando no espaço da comunidade, uma forma de socialização e construção de relações afetivas.

Como diz Pedro: “É a união do hip-hop, sempre foi a união do hip-hop, sempre foi eu acho que é isso que move, né?”³³

A sociabilidade entre esses jovens se faz por meio das vivências dos seus integrantes, carregadas de valores, representações e da troca de experiência social, étnica e cultural. Tudo isso torna a união como forma de resistência à maneira de pensar

32. Competição interestadual que abrange estados do Brasil, e que acontece apenas uma vez ao ano.

33. Pedro. Entrevista com Pedro. [jan. 2021]. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

dominante e discriminatória. Tal fato produz nos jovens a valorização da convivência em grupo.

Leonardo coloca na entrevista: “A roda é para dar voz a comunidade, aos favelados que não são ouvidos, aqui nós acreditamos neles”.

Como Moreno (2007, p. 24) escreve:

O rap, como música de contestação, denuncia as desigualdades da sociedade brasileira, que tem uma estrutura social altamente estratificada e hierarquizada. Essas desigualdades são marcadas pela cor de pele, posição social e por determinados modos de vida das regiões urbanas.

Morar da favela e fazer parte dos grupos populares, implica em compartilhar restrições como a infraestrutura, saúde, segurança e educação com o mesmo grupo local que vive ali, lidando com a ausência de condições básicas para sobreviver e de seus direitos.

Nesta perspectiva, os jovens que participam da Roda Cultural se veem como autores das suas vivências, ressignificando por meio da rima e da produção cultural suas histórias, experiências, necessidades, desejos e projeções para o futuro, quebrando o estigma construído pela mídia que moradores de favelas estão ligados ao crime e a violência, construindo outras saídas em modelo social que exclui e marginaliza.

Estes jovens que moram na favela e dão concretude à Roda Cultural, acabam produzindo e consumindo a sua própria cultura, que traz elementos do seu estilo de vida, além de denunciar os problemas fomentados pelo sistema social, como Célia diz:

Nós temos talento, nós produzimos, nós nos apoiamos e apoiamos os artistas que chegam na Roda Cultural. Um divulga o trabalho do outro, tem identificação, eu entendo o que o outro canta e escreve, faz sentido para a galera. Não é qualquer pessoa que entende o nosso trabalho. Não é.³⁴

Spósito (2000, p. 13) coloca:

O rap desvela sua produção cultural sobretudo nas letras das músicas que denunciam a realidade da exclusão do jovem pobre, sobretudo aquele de origem negra. A fala áspera, que manifesta a fúria e a ira, assim como o tom

34. Célia. Entrevista com Célia. [janeiro.2021] Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

duro e rude das letras, revela o desejo de resgatar o direito da palavra e da invenção criadora sob a forma de relato mal comportado e teatralizado do drama diário da vida, muitas vezes negando os parâmetros dominantes do gosto e do consumo musical. Sua expressão social predominante é articulada a uma denúncia da exclusão e do racismo, visíveis na violência policial e na falta de alternativas para os jovens, sobretudo os pobres e negros. O rap é uma produção cultural que expressa certa liminaridade, como se produtores de letras e público — igualmente jovem — estivessem, de modo constante, no limiar entre dois mundos, o da legalidade, das instituições legitimadas pelas forças sociais (o trabalho, a escola, entre outras), que não apresenta alternativas eficazes de inclusão, e o do crime ou do consumo e do tráfico de drogas, que oferece vantagens fáceis e imediatas, mas acenam, como destino, para a morte precoce.

Podemos analisar, por meio das falas dos entrevistados, a importância da Roda Cultural da Rocinha para esses jovens que constroem e colocam na prática a defesa de sua identidade. Tudo parece indicar, que ainda que os jovens nem sempre assim nomeiem, a Roda Cultural funciona como instrumento político, de modo que esses jovens excluídos e marginalizados, criem suas redes de relações e meios de expressar suas contestações e denúncias, por meio das batalhas de rima, da ocupação do espaço público para a produção de evento artístico e promoção de oportunidades de lazer na Rocinha.

Se o hip hop possibilitou a união entre esses jovens, tornou-se ao mesmo tempo uma saída para as condições econômicas, sociais, culturais que estruturam suas vidas, transformando-se uma possibilidade de prospecção de futuro, uma alternativa para que eles pudessem alcançar seus objetivos, status e satisfação pessoal, rompendo com os destinos vistos como insucesso.

2.1 - A arte como prospecção de futuro: a Roda Cultural da Rocinha como espaço de produção de sonhos

Os estudos realizados mostram que os jovens pertencentes aos grupos populares possuem projeções de futuro baixas no que se refere aos resultados das certificações e a escolarização, especialmente com pouca expectativa e prospecção de entrada no ensino superior. Heringer (2013) mostra em sua pesquisa que a maioria dos estudantes da rede pública de uma comunidade do Rio de Janeiro tem a consciência das barreiras que

enfrentará para concretizar a formação no nível superior.

Os estudantes da rede pública estudados por Heringer (2013) falam das limitações na formação escolar oferecida, o que faz que eles não tenham tanto anseio pela entrada no ensino superior, por considerarem alto o nível de dificuldade das provas e se sentirem despreparados. Nessa lógica, o que vemos são os jovens de grupos populares internalizando baixas expectativas e prospecções limitadas quanto a possibilidade de cursar o ensino superior e se lançarem em determinadas profissões.

A percepção de que os jovens de grupos populares acabam fazendo projetos de vida ³⁵ limitados sob a ótica da sociedade, isso quer dizer, poucos chegam a ter diplomas mais altos e trabalhos com maior remuneração. Essa dinâmica de funcionamento da sociedade que privilegia determinados grupos em posição dominante, mantém a estrutura social de forma a reproduzir suas posições, deixando reservado aos grupos populares a posição, em grande parte, atividades de mão de obra barata.

Como Perlman (2002, p.129) diz:

(...) quando um grupo marginal atinge proporções críticas passa a ser identificado como um problema social (...) a visibilidade e a aglomeração do grupo torna fácil para a classe dominante não apenas estigmatizá-lo como também definir lhe a situação e manipulá-lo no sentido de preservar o status quo.

Contrariando o senso comum que naturaliza a ideia de que os jovens periféricos não pensam no futuro e estão fadados à criminalidade ou a subalternidade, mostramos que o grupo em foco nessa pesquisa não deixou de fazer projeções vigorosas para o futuro, nem aceitaram trabalhos braçais, ou posições subalternas, ainda que suas projeções não tenham sido construídas tendo como referência a passagem pelo ensino superior.

O que nos parece mais importante destacar é que a participação na Roda Cultural da Rocinha, ou seja, o envolvimento em uma atividade coletiva de cunho artístico, fomentou um novo horizonte para os jovens.

35. Segundo Leão, Dayrell e Batista dos Reis (2011, p. 67) a ideia de projeto de vida remete a um plano de ação que um indivíduo se propõe a realizar em relação a alguma esfera de sua vida (profissional, escolar, afetivo etc.), em um arco temporal mais ou menos largo. Tais elaborações dependem sempre de um campo de possibilidades dado pelo contexto socioeconômico e cultural no qual cada jovem se encontra inserido e que circunscreve suas experiências.

A Roda Cultural da Rocinha proporcionou novas possibilidades sociais e existenciais para os jovens entrevistados, dando visibilidade as suas ações, bem como construindo novas possibilidades de ser, como por exemplo se pensarem como artista ou produtores do mundo artístico.

Ao falar de suas projeções, podemos registrar que todos os jovens atualmente prospectam o seu futuro a partir das experiências que tiveram com a Roda Cultural.

Por exemplo, Leonardo hoje fala que:

O que eu mais quero agora é ter o meu espaço pra trabalhar. Marcar shows para os moleques. Já tô encaminhando, tô regularizando todos os documentos, aí o espaço do estúdio já tá lá, fica abaixo da casa da minha mãe. Então, é muito importante ter esse espaço, né, porque, assim, eu sou alguém que acredita, né, nessa galera da Rocinha. Porque, assim, tem muita gente que é produtor de fora, que só pega os moleques da Rocinha, mas não acreditam, não investem. Eu acho que tem um peso muito grande, tipo, alguém da Rocinha tá com a galera, tipo, que é da Rocinha, para alavancar mesmo.³⁶

Leonardo hoje tem planos em virar empresário no mundo do rap e investir nos cantores da Rocinha, está montando o seu próprio estúdio para divulgar os talentos da favela. Nas palavras dele, essa ideia veio após a vivência na Roda Cultural, inclusive ele investe no Pedro - que é o Mestre de Cerimônia da Roda Cultural e rapper - promovendo shows, incentivando o parceiro. Um dos seus maiores desejos é ver o Pedro estourar no cenário musical do rap e, portanto, com a colaboração de seu trabalho.

Sabemos que a inserção da juventude da classe popular no trabalho formal é precária e os índices de trabalho decente³⁷ são baixos, de modo que esses jovens costumam ser direcionados aos subempregos. Entretanto, os jovens dessa pesquisa projetam seu futuro de forma distinta do convencional, ou seja, não prospectam nem pela escolarização nem pela redenção aos subempregos. Esses jovens buscam alcançar ocupações com maior prestígio social, com intuito de melhorar a qualidade de vida.

36. Leonardo. Entrevista com Leonardo. [fev. 2021]. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

37. Segundo a OIT, trabalho decente é "trabalho produtivo adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, sem quaisquer formas de discriminação e capaz de garantir uma vida digna a todas as pessoas que dele extraem o seu sustento" (Costanzi, 2009, p. 171).

Os jovens da pesquisa buscam desenvolver suas potencialidades para alcançar suas metas e expectativas, colocando-se como sujeitos ativos. Por exemplo, Célia começou a fotografar a Roda Cultural da Rocinha em 2019, sem nenhum compromisso com a Roda, só queria aumentar seu portfólio nas redes sociais para ganhar visibilidade, uma vez que já estava fazendo ensaios fotográficos amadores. Por sua frequência na Roda Cultural, com a sua câmera, ela acabou sendo notada pelo Leonardo. Até aquele momento a Roda Cultural não tinha nenhuma pessoa que cuidava das redes sociais, que criasse um acervo visual, com fotos e gravações dos encontros. Leonardo, na posição de produtor, viu nessa presença a possibilidade de divulgação dos eventos, o que é importante para o crescimento da atividade e reconhecimento fora da Rocinha. Leonardo fez a proposta dela cuidar dessa parte do audiovisual do grupo, ela aceitou o convite visando impulsionar o seu nome, ainda que não tivesse experiência na área, pois ela não tinha nenhum curso de fotografia ou na área audiovisual.

A princípio Célia não se via trabalhando no meio do rap, mas hoje quer se envolver cada vez mais, como conta:

A produção audiovisual me escolheu, hoje quero investir nisso, quero continuar no ramo do rap, fazer clipes, produzir conteúdo. Eu quero comprar material novo e fazer um curso para aprender mais e mais. A Roda Cultural me ajudou muito a ter mais visão, sabe? Depois que entrei pra Roda, meu trabalho ficou mais visado, as pessoas percebem mais, tenho mais respeito, sempre tenho clipe para fazer, algum evento para fotografar, vídeo para editar, hoje em dia não me vejo fazendo outra coisa, eu quero ser reconhecida no meio audiovisual do rap.³⁸

Célia hoje em dia produz/dirige clipes musicais na área do rap, fotografa artistas locais e continua fazendo seu nome e ganhando visibilidade por meio da Roda.

Podemos notar que os projetos individuais dos jovens são tecidos em interação com o coletivo da Roda Cultural, que proporciona possibilidades de concretizar de realizar suas projeções.

Célia saiu do anonimato para fotografar, hoje em dia participa de grandes produções como dos rappers Djonga, Froid e Bk, grandes nomes do rap da atualidade.

38. Célia. Entrevista com Célia. [janeiro.2021] Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

Leonardo faz produções fora da favela também, produziu a Roda Cultural da Gávea, como também participa da produção de exposições artísticas fora do Rio de Janeiro. Pedro gravou cds e já abriu shows do Felipe Ret, rapper renomado na cena carioca. Rodrigo é conhecido por representar a Zona Sul nas batalhas estaduais de rima do Rio de Janeiro.

Pedro fala que quer estourar artisticamente, quer fazer show e ouvir as suas músicas sendo reconhecidas pelo povo. Para ele, que é Mestre de Cerimônia, a Roda Cultural torna-se um lugar de divulgação de suas composições, dando visibilidade ao seu nome tanto dentro, quanto fora da favela, pois, pessoas que não são da comunidade também frequentam o evento. Ele também recebe bastante apoio do grupo, que ele se refere como “time”. Os companheiros da Roda Cultural da Rocinha são uma rede de apoio mútua, que transmite segurança.

Então primeiramente eu agradeço a disposição e disponibilidade do meu time. Tanto pela confiança em mim, pela confiança que eles me transmitem, tá ligado? E tipo assim, mano verdade, é muito moleque sonhador no time, tá ligado? É tu ouvir de um moleque, tipo assim, vai mano, confio em você, tá ligado? Não tem palavra, tá ligado? Pra descrever isso. Não tem o que fazer, tenho que fazer parte desse bagulho da Roda, desse envolvimento, tá ligado? Oh, dá maior força tipo pra mim, legal mesmo, é tipo agora o Capitão (Leonardo) mano, todos nós temos um fundamento, na equipe da roda cultural, mas tipo o Capitão ele nos transpassa muita confiança tá ligado? Acho que é por isso que a gente também distribuí muito isso para as pessoas que frequentam a Roda, para a favela da Rocinha. Eu tô falando por mim, viu? Transmito muito isso, eu acho que é porque, tipo, o Leonardo acredita muito em mim tá ligado? Quanto os outros integrantes, tá ligado? Eles acreditam muito em mim. Por isso que eu sou o que eu sou, por isso que eu tô sempre energizado em dia de roda mano, eu tô energizado, porque a energia tem que tá 100%, tá ligado? Isso só é possível quando acreditam em você.³⁹

Deste modo, as atividades desenvolvidas na Roda Cultural são mais que uma produção cultural para esses jovens e uma forma de engajamento na comunidade, pois é um espaço de socialização, cujas relações interpessoais criam vínculos, integrando maneiras de pensar, se expressar, construindo sentimentos de pertencimento e companheirismo que se transformam em uma rede apoio e elo de confiança. Os jovens se

39. Pedro. Entrevista com Pedro. [jan. 2021]. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

potencializam como sujeito. Eles constroem e se engajam em ações e interações para projetar e alcançar suas expectativas. Moreno (2007, p.13) escreve:

Ao mesmo tempo, o hip hop ofereceu um outro lugar social para aqueles indivíduos que estavam perdendo seu lugar no mundo profissional. Ao tomarem para si o lugar de produtores de arte, esses mesmos indivíduos tentam se confrontar à perda ou ameaça de perda de status e prestígio diante do seu grupo local.

Rodrigo, tinha um trabalho considerado estável, porém trabalhava muito e chegou em uma fase que se sentia infeliz. Até que começou a frequentar Rodas Culturais em outros bairros e criou coragem para batalhar, desde então, não parou mais. Ajudou na organização da Roda Cultural da Rocinha e atualmente, continua batalhando em freestyle. Ele projeta ser artista e viajar pelo mundo cantando suas próprias composições:

Cara, meu sonho é me ver em cima do palco fazendo bastantes shows, inclusive fora do Brasil, antes queria viajar para trabalhar em hotel, hoje quero viajar para cantar, quero abrir minha gravadora, investir no hip hop, o rap me fez querer isso. Abriu meu leque, entendeu?

Eu fui aprendendo várias coisas. A partir do momento que eu decidi viver de rap, eu fui construindo todos esses sonhos. Eu escrevo o que eu vivo ou canto o que eu vejo, entendeu? Acho que eu canto o que eu vejo porque a gente é um artista e a gente tem que se pôr no lugar do que tá acontecendo ao meu redor. Quer dizer, eu não vou falar de criminalidade porque eu não fui criminoso, mas eu posso dizer porque o cara entra no crime, porque que ele tá ali entendeu? Eu vejo. Eu... Escrever e cantar é um ato político.⁴⁰

A Roda Cultural é uma possibilidade de expressão e visibilidade desses jovens como porta-vozes da comunidade, como escreve Silva (1999, p. 31):

A condição de excluído surge no discurso rapper como objeto de reflexão e de denúncia; mais uma vez é a dimensão pessoal que possibilita o desenvolvimento da crônica cotidiana de um espaço no qual o poder público e a mídia se afastaram. Os rappers falam como porta-vozes desse universo

40. Rodrigo. Entrevista com Rodrigo. Fevereiro 2021. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro. 2021.

silenciado em que os dramas pessoais e coletivos desenvolvem-se de forma dramática.

O Hip Hop é assim, uma possibilidade de atuação coletiva, por meio de uma expressão cultural, que é ao mesmo tempo, uma expressão de si. Como Gomes (2009, p. 8) explicita:

[...] a capacidade de sobrevivência dos jovens é testada no cotidiano, que serve de inspiração para as crônicas que se transformam em rimas de rap ou em coreografias de break. Elas narram o lugar reservado ao corpo, e são capazes de mostrar espaços, reais e imaginários, frequentemente em conflito. Claro está que o Hip Hop para estes jovens não é, primeiro, uma escolha estética. Trata-se de uma questão existencial que encontra na arte as possibilidades para sua reflexão.

Ainda que pareça reconhecível o pertencimento ao grupo e a essa atividade cultural como uma experiência significativa para que os jovens projetem seu futuro relacionado com arte/ hip hop, essa possibilidade nem sempre foi vista como possível. Antes de desejarem projetar seu futuro como artistas ou produtores do mundo da arte hip hop, esses jovens tiveram seus projetos iniciais de vida interrompidos, como veremos a seguir.

2.2- Destinos interrompidos

Durante as entrevistas, ainda que os jovens contassem sobre suas projeções de futuro pautadas em possibilidades de se tornarem artistas e profissionais da arte, essa escolha não apareceu como a primeira opção deles. Tudo leva a crer que a escolha por se projetarem no universo da arte/hip hop se deu em razão de suas projeções iniciais se apresentarem como destinos não possíveis de serem concretizados. O preconceito enraizado, os problemas burocráticos, o patriarcado acabaram impedindo que suas projeções iniciais pudessem ser vistas como possíveis, o que os levou a reinventarem suas projeções, readequando seus projetos e driblando seus impedimentos e frustrações.

Leonardo tinha vontade de ser paraquedista militar:

Eu queria ser PQD [Paraquedista] né? Mas na época tinha muito preconceito das pessoas que moravam na favela. Eles que moravam

em bairros nobres, julgavam quem morava na favela porque eles achavam que a maioria dos jovens que morava em favela saia do quartel e ia para a boca de fumo. Acontecia, sabe? Mas não era a maioria dos jovens favelados. Acontecia mais quando tinha guerra de facção. E na época que queria tentar, a Rocinha estava em guerra. Então você imagina...

Aí, né por morar na Rocinha fiquei escaldado, aí já viu né? Não quis insistir nisso.⁴¹

Por morar na Rocinha Leonardo sentiu que havia preconceito, o que o desestimulou a tentar a carreira como paraquedista militar. Isso significa que ser o pobre, negro, morador da favela acabou desencorajando que Leonardo pudesse realizar sua projeção inicial.

Como Batista (2003, p.36) escreve: “O estereótipo do bandido vai-se consumando na figura de um jovem negro, (...), morador da favela, próximo do tráfico de drogas”. Essa percepção social vai construindo concretamente o universo de possibilidades desses jovens. Peralva (2000, p.67) considera que:

Ser morador de favela constitui, do mesmo modo que a raça, um elemento significativo do ponto de vista do ordenamento da relação com o mundo. Assim como o racismo “racial”, a discriminação contra o favelado adquire expressões sutis, ao lado de outras mais brutais.

Ser morador da Rocinha impediu que Leonardo pudesse realizar seu sonho.

Leonardo conta que atualmente a sua vontade é ser produtor musical e fazer mais investimentos na área. Ele irá abrir um estúdio na Rocinha, inclusive já está montado, só falta regularizar a documentação. Seu foco principal é investir em cantores da favela.

Apesar desse investimento para se tornar produtor musical, Leonardo não se via na área por ser considerado tímido. Entretanto, após o seu envolvimento na Roda Cultural em 2018, o interesse pela área aumentou e tornou-se uma nova possibilidade na sua trajetória de vida. Leonardo ocupa um lugar de referência na favela para os jovens e para o grupo, pois ele é o cara engajado em fazer *network*, criando novas oportunidades para

41. Leonardo. Entrevista com Leonardo. [fev. 2021]. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

os seus pares e divulgando o grupo. Ele é visto como o líder, pela sua organização, por ter aptidão em resolver problemas, sejam eles burocráticos ou comunitários e por saber chamar atenção do grupo quando é necessário.

No caso de Pedro, sua família, assim como a de Leonardo, fez fortes investimentos na escolarização dos filhos, vendo na educação a possibilidade de alcançarem melhor projeção social. Entretanto, a experiência escolar de Pedro não foi positiva, como é bastante comum para várias crianças negras, de origem popular.

Ele narra sua vivência:

Eu era inteligente, tá ligado? Mas por ter o nome diferente, os moleques me gastavam e eu não aceitava, reclamava com a professora e ela não fazia nada, aí como, resolvia do meu jeito, tá ligado? Brigava mesmo. Eu não gostava das zoações e ninguém intervia.⁴²

Pedro conta que ficava mais tempo na coordenação do que na sala de aula, o que acabou criando o estigma do mau aluno. Ele diz:

Eu era levado, fazia bagunça, mas não coloco a culpa só em mim não, a escola não sabia lidar comigo, as pessoas me zoavam, zoavam meu nome, eu reclamava. Ai quando ia resolver, sabe né? Ai ia pra direção, eu ficava com raiva, porque ninguém fazia nada e sempre eu era errado.⁴³

Pedro relata que sua mãe não gostava quando era chamada na escola, mas pelo menos uma vez por semana ela era convocada para ouvir sobre o seu “mau comportamento”.

Thin (2010, p.68) escreve sobre essa relação entre escola e as famílias populares:

A dominação escolar sobre as famílias populares tem assim sua eficácia na “crença na legitimidade” das práticas escolares e dos educadores que as executam, sendo que a legitimidade dos educadores está ligada ao seu domínio dos saberes escolares, à sua competência em matéria educativa certificada por sua formação e à autoridade pedagógica que lhe é conferida pela instituição

42. Pedro. Entrevista com Pedro. [jan. 2021]. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

43. Pedro. Entrevista com Pedro. [jan. 2021]. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

escolar. (...) permite pensar em situações em que os pais das famílias populares tentam se curvar às exigências escolares, entregam aos educadores a escolarização de seus filhos, reconhecendo ao mesmo tempo a legitimidade dos agentes (...) como em situações em que os pais tentam transformar suas práticas, inclusive suas práticas socializadoras não diretamente ligadas à escolaridade, para seguir os conselhos, as incitações ou as injunções dos educadores (...).

A passagem pelo ensino fundamental não foi tão prazerosa para Pedro, mesmo assim, ele seguiu para o Ensino Médio sem ver na escolarização algum sentido. Pedro cursou o primeiro ano do Ensino Médio trabalhando e escrevendo letras de rimas. Ele se via como artista e queria ser MC. No seu segundo ano do Ensino Médio, foi para o turno noturno, pegava o dinheiro que a sua mãe o entregava para lanchar e ia para Rodas Culturais da cidade, como as do centro e da zona norte. Após muitas faltas, ele repetiu de ano e a sua mãe descobriu que ele não frequentava a escola.

Pedro largou os estudos e fala na entrevista que a escola não fazia sentido, que ele aprendia mais nas Rodas Culturais que frequentava.

Podemos dizer que em alguma medida a escola não foi um lugar que incluiu o Pedro.

Dayrell escreve (2005, p.293):

(...) a crise da escola é reflexo da crise da sociedade, e sua superação demanda que nós, educadores, ampliemos nossa reflexão para fora dos muros escolares. Devemos estar mais abertos para, na escola, ouvir os jovens pobres, ver em suas práticas culturais e formas de sociabilidade traços de uma luta pela sua humanização – o que não significa endeusá-las -, aprender com eles e respeitar as formas de sociabilidade que vivenciam. Se queremos contribuir para a formação humana desses jovens, potencializando suas experiências de vida, temos de encará-los como sujeitos, que interpretam seu mundo, agem sobre ele e dão um sentido às suas vidas. Por meio desse diálogo, acredito, podemos fazer da escola um tempo mais humano e humanizador, esperança de uma vida menos inumana. Com seus limites e de formas diferenciadas, o estilo rap e o estilo funk são para esses jovens um meio pelo qual exercem o direito à escolha, às experimentações, ao lazer e à diversão; enfim, exercem o direito de serem jovens.

Após largar a escola no 2º ano do Ensino Médio, Pedro investiu no seu grupo “A voz que não cala”, o que fazia sentido para ele. Passou a escrever letras de rap sobre os problemas sociais da cidade. Ele fala que o grupo foi uma resistência, era um dedo na ferida da sociedade. Após desavenças entre o grupo, Pedro decidiu se jogar na carreira solo, que foi na época que a ideia da Roda Cultural surgiu.

Com a ajuda da Roda Cultural, Pedro conseguiu divulgar a sua nova fase e as suas novas músicas solos, ganhando visibilidade.

Mas não podemos ignorar o que aconteceu com Pedro, o poder arbitrário da escola, a falta de diálogo com o Pedro e até mesmo o fato dos adultos responsáveis no espaço escolar ignorarem suas falas resultou em um sentimento que a escola não era o espaço de pertencimento do discente. Sendo assim, a porta de entrada da escolarização como via de ascensão foi precocemente interrompida para Pedro.

No caso da Célia, ser mãe aos 19 anos, de uma gravidez não planejada, alterou seu destino, as possibilidades de atuação profissional sempre foram mais difíceis por ela ser mãe. Além desse fato, Célia estudou até o 9º ano do ensino fundamental, quando interrompeu os estudos, apesar de todos os incentivos da família. Ela fala que a escola era muito chata e que não gostava do ambiente. Mas, hoje ela se arrepende em ter parado os estudos e não ter escutado sua mãe que é pedagoga e incentivava sua escolarização.

Célia relata que atualmente é difícil encontrar tempo para estudar, tanto por conta dos filhos, quanto pelos seus investimentos na carreira de produção audiovisual.

Mesmo que Célia tenha encontrado nas atividades audiovisuais um investimento profissional para si, essa possibilidade foi uma alternativa para o desemprego. Como ela narra:

Me interessei em fotografar quando eu fiquei desempregada em 2016. Ganhei meu filho em 2015, depois disso eu não consegui mais emprego nenhum, aí quando foi em 2016, quase um ano depois, eu falei: cara eu preciso arrumar uma coisa né? Aí recém parida não tava conseguindo entrar no mercado de trabalho de forma alguma. Aí tinha uma câmera dentro de casa e eu sempre gostei de fotografar no modo amador, então eu falei, eu vou meter a cara e vou.⁴⁴

44. Célia. Entrevista com Célia. [janeiro.2021] Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

O caso da Célia é a expressão de um fenômeno social que desfavorece as mulheres que se tornam mães. Com base nos dados do IBGE do ano 2013, mulheres entre 29 e 40 anos que se tornaram mãe antes dos 20 anos têm uma queda (diferença) de 1.3 anos na escolaridade (comparados às) que as mulheres que não foram mães nessa idade, além da probabilidade de trabalhar formalmente cair 12%, levando essas mulheres ao mercado informal de trabalho.

A gravidez precoce além de interferir na escolarização das mulheres, diminui a possibilidade de um emprego estável e bem remunerado, fruto do machismo estrutural que exclui e responsabiliza unicamente a mulher.

Rodrigo teve seu futuro interrompido muito cedo. Ele foi criado por uma tia paterna, uma vez que sua mãe desapareceu quando ele tinha pouco tempo de vida e seu pai vivia em restrição de liberdade. Aos dez anos, Rodrigo viveu um curto período com seu pai, que retornou à liberdade, mas pouco tempo depois foi morto pelo tráfico. Apesar de Rodrigo ter sido criado praticamente desde bebê até a adolescência por sua tia, esta nunca teve a guarda ou o registro legal de tutela dele, o que lhe privou e prejudicou de boas oportunidades.

Ele conta que:

Eu não posso ser mentiroso não, porque eu tirava boas notas, eu podia tirar mais, se eu fosse um aluno mais aplicado. Eu passei por algumas provas, fiz prova para o São Bento⁴⁵, eu estudava em colégio público e meu professor de português, me indicou para fazer. O meu professor falou assim:

- Cara eu sei que você consegue fazer, faz o bagulho na moral. Olhei para cara dele, eu falei assim: - Tá!

Eu fiz e consegui, cheguei lá para desenrolar a documentação e não conseguimos, a gente chegou a ir ao advogado, ele falou que se minha tia fosse correr atrás disso, eu ia ter que ficar preso, não é preso, mas ia ficar no conselho tutelar né? A minha tia teve medo. Não sabíamos também de muitas coisas. Mas entendia que a minha mãe tava viva, então era mais difícil ainda, tá ligado? Não foi caso de óbito. Era jogo se o meu pai tivesse pegado minha guarda, né? Foi uma loucura, não foi só essa oportunidade, foram outras também. E os professores, os professores sempre acreditaram muito em mim, mais do que eu. Eles sempre me disseram que eu sempre fui um aluno que podia ter potencial, se como? Eu passei para o São Bento, sabe por que eu não entrei?

45. Colégio de elite renomado do Rio de Janeiro.

Documentação, porque não sei onde anda minha mãe e a minha tia não tinha minha guarda. Eu já perdi tanta bolsa. Até meus dezoito anos eu não saí do Rio de Janeiro, porque minha tia não tinha minha guarda, então ela não podia me dar autorização. Muita burocracia. Minha irmã, filha da minha tia, tentou me levar pra Cabo Frio, foi pra rodoviária. Chegando lá, cadê os pais? O sobrenome dele não é o mesmo que o seu, falaram pra minha irmã. Falaram: Ué, cê tá sequestrando o menino? Calma aí que eu vou chamar a polícia. Pessoal me via branquinho, olhos claros, meio loiro, ninguém entendia, meus olhos são da minha mãe, tá ligado? Ninguém tem. Minha irmã, isso é real minha irmã, saiu correndo da rodoviária comigo no colo. Então, perdi muita oportunidade boa. É muita história é muita parada. Ó perdi vaga, tipo assim, de viajar pra Noruega. Tô te falando. A galera era do futebol e queria me levar, jogava bem. Participava do projeto Karamba, eles iam bancar. Não fui por falta de documentação. Chegou um momento que eu e a minha tia, a gente já ia para as paradas rindo, porque iria ter que explicar tudo, que não tinha contato com a minha mãe, que meu pai era falecido, que não sei o que... Eu aprendi a sorrir, tá ligado? Eu aprendi a sorrir novinho. A gente aprende, né, eu comecei a rir desses problemas, sabe?⁴⁶

Rodrigo concluiu o ensino médio e resolveu fazer curso de hotelaria. Trabalhou durante 3 anos em um hotel de 5 estrelas e tinha plano de carreira, seu foco era virar viajar para fora pelo hotel, treinar o inglês e voltar como gerente. Mas, no meio da trajetória Rodrigo descobriu que estava doente, gastou o dinheiro que estava guardando para investir na viagem para cuidar de sua saúde. Após seu problema de saúde, trabalhar 12 horas em hotel já não fazia mais sentido. Rodrigo começou a projetar ser MC, estava frequentando várias batalhas, participando e ganhando. Viu que tinha que escolher: ou continuar sendo infeliz, como ele mesmo diz, ou arriscar no seu sonho. Assim, resolveu sair do trabalho e investir em uma moto para trabalhar com entregas, um trabalho flexível suficiente que permitisse que ele pudesse ter tempo para suas produções de rima.

A estrutura social e a burocracia do Estado acabaram impedindo que Rodrigo pudesse efetivamente vivenciar experiências que lhe dessem oportunidades de melhorar de vida, como a escolarização em uma escola privada, ou ir para o exterior jogar futebol e se projetar nessa carreira. O que lhe restou? Se reinventar para viver.

46. Rodrigo. Entrevista com Rodrigo. Fevereiro 2021. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro. 2021.

Após conhecer um pouco as trajetórias, o que podemos notar no grupo dos jovens pesquisados é que eles são parte de um grupo social, que não é visto em suas especificidades e lógicas, sofrendo com a estigmatização de um mundo hierarquizado e organizado de modo a reproduzir as desigualdades.

Mesmo com todas as barreiras que sofreram, eles reelaboraram e traçaram outros destinos e projeções, e de alguma forma escolheram o caminho que não os limitasse a postos vistos como subalternos.

Mas, o que permitiu que esses jovens, apesar da situação de destinos e projetos de futuro interrompidos, escolham a arte, a produção cultural, e o hip hop como um projeto de futuro (seja como produtor, rapper ou fotógrafa)?

Capítulo III - Terreno fértil para prospecções no mundo da arte hip hop

Neste capítulo buscamos compreender quais as condições sociais que contribuem para que esses jovens façam seu projeto de futuro em uma perspectiva de ascensão, fugindo de postos subalternos, e projetando-se em atividades de produção artística ou como artistas no universo do hip hop.

Para isso, analisamos as diferentes experiências educativas, como família, escola, atividades extraescolares, de modo a pensar os processos de socialização desses jovens e (i) a construção de disposições para projeção de um futuro no mundo do hip hop, e (ii) o ajustamento realizado pelos jovens, frente aos projetos iniciais interrompidos.

3.1- Investimentos familiares, projetos não concretizados e ajustamento de projeção de futuro

Há um consenso na literatura do lugar significativo que a socialização familiar ocupa na formação e projeção de futuro dos jovens (DAYRELL E REIS, 2006; PRESTAS E ALMEIDA, 2008; TOMIKAZI E DANILIAUSKAS, 2018; VIANA, 2012).

Para compreender quais condições sociais e experiências educativas contribuíram para que esses jovens se lancem em direção de um projeto de futuro vinculada à arte e ao Hip Hop, não se resignando em ocupar postos de menor prestígio social que tendem a ser mais frequentes na trajetória de jovens que abandonaram a escolarização e são oriundos de grupos de menor poder econômico, mobilizamos uma análise sobre as famílias⁴⁷ desses jovens, nas gerações dos avós e dos pais. Levantamos dados, no que se refere a escolarização, cidade de nascimento, e profissionalização destes. Ao mesmo tempo, buscamos capturar os investimentos feitos pelos pais no que se refere a escolarização e projeção de seus filhos, considerando os espaços de socialização que esses jovens passaram em sua infância.

O pai do Leonardo saiu do interior de Pernambuco para tentar novas oportunidades de trabalho no Rio de Janeiro e foi morar na Rocinha. Ele estudou até o 4º ano do ensino fundamental. O avô paterno de Leonardo era feirante na Paraíba e estudou

47. Consideramos família como não apenas pais e irmãos, no sentido de laço sanguíneo e responsabilidade legal, mas aqueles indivíduos que ficaram responsáveis pelos cuidados na infância, bem como os laços estendidos dessa relação.

até o 1º ano do ensino fundamental. A avó paterna cuidava do lar e estudou até 2º ano do ensino fundamental.

Assim que o pai de Leonardo chegou no Rio de Janeiro começou a fazer bicos para se manter, depois foi trabalhar como trocador de kombi (transporte que antecedeu as vans na favela da Rocinha). Não satisfeito com a posição ocupada, se organizou, tirou carteira de motorista e começou a ser motorista de kombi. Atualmente ela continua sendo motorista dentro da favela, mas como proprietário do automóvel. Trocou a kombi pela van.

A mãe do Leonardo, estudou até o 6º ano do ensino fundamental, veio do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro em busca de maior autonomia, uma vez que os pais dela eram rígidos. O avô materno de Leonardo trabalhava com colheita de frutas e legumes, não frequentou a escola, já a avó materna era do lar e frequentou a escola até o 2º ano do ensino fundamental.

Quando a mãe do Leonardo chegou no Rio de Janeiro, foi trabalhar como doméstica em uma casa de classe média alta. Neste trabalho era necessário que ela dormisse na casa do empregador, no “quartinho da empregada”, o que ela via como positivo na época, uma vez que não tinha um lugar para morar.

Os pais de Leonardo se conheceram no forró, namoraram e depois de mais ou menos 1 ano, ela engravidou do Leonardo. Os contratantes, não aceitando a gravidez, a demitiram rapidamente. Nessa situação, ela foi morar junto com o pai do Leonardo na Rocinha.

Após o nascimento do Leonardo, ela passou a trabalhar como diarista para complementar a renda de casa. Os dois conviveram 10 anos juntos e geraram outro filho, que seguiu os passos do pai, se tornou motorista de van. Tanto o irmão do Leonardo quanto ele vivem até hoje com a mãe. Os pais tiveram uma separação tranquila, sendo amigos até hoje. Atualmente, o pai do Leonardo mora sozinho e a mãe dele se casou novamente. A mãe tem outra filha, a caçula da família, que mora com eles. Ela ainda está no ensino médio, e não tem certeza quanto ao futuro, mas almeja fazer faculdade de moda.

Leonardo mora com a sua mãe, seu irmão, irmã e padrasto. Ele considera o padrasto como seu “segundo pai”, pois além de ter um bom relacionamento com ele, Leonardo reconhece a presença do padrasto em sua criação, já que ele e sua mãe estão juntos desde quando ele tinha 12 anos.

No momento, a mãe de Leonardo cuida da casa e dos filhos, e o padrasto tem um estabelecimento de bebidas dentro da favela.

Leonardo relembra que sua família sempre foi bastante presente e atenciosos na sua educação, procurando várias atividades e projetos gratuitos para inserir ele e o irmão. Tal medida visava diminuir o tempo ócio dos garotos e a possibilidade deles ficarem na rua. Leonardo narra que fez vários cursos, como, por exemplo, um curso de turismo pelo SENAC, um curso de cidadania oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro, além de estudar inglês e espanhol, tudo gratuitamente. Ele também jogou basquete, fez judô, competindo em outros estados, como Espírito Santo e Brasília, além de ter feito curso para guardião de piscina. Os pais de Leonardo sempre enfatizavam sobre a importância da escola e dos estudos. Leonardo conta: “Eles sempre falavam que tinha que estudar para ser alguém na vida”.

Sua mãe era a que mais cobrava, segundo ele. O pai de Leonardo também exigia, mas não tanto quanto a mãe, pois para ele o importante era não ter um filho “bandido”. Leonardo fala que um dos maiores medos do seu pai era que algum filho se envolvesse com o tráfico, o que fazia com que o pai controlasse com quem o Leonardo e o irmão andavam, pois não queria o filho com “más influências”.

O pai sempre deixou bem claro que transmitiria seus bens aos filhos, isso significa que os filhos assumiriam a van como um negócio familiar, o que implicaria em se tornar motorista, e oferecer o serviço de transporte na Rocinha. Quando Leonardo ficou desempregado, em 2018, seu pai sugeriu que ele trabalhasse na van no contraturno dele. Leonardo não aceitou a proposta, apesar de ter habilitação de carro e moto e ser apto para a função. A atividade não aceita pelo Leonardo, tornou-se o trabalho do irmão, que seguiu o conselho do pai, trabalhando como motorista de van, junto com o pai.

O sonho da mãe de Leonardo era ter um filho formado na universidade, pois ela falava que queria dar para os filhos o que não teve, ou seja, condições de estudar. Até o momento Leonardo foi o que chegou mais próximo de se formar na faculdade. Ele cursou até o 4º período de Serviço Social, quando decidiu desistir da faculdade. Segundo ele, não havia sentido fazer aquele curso, pois ele não se via trabalhando na área e sendo feliz. Nesse período ele já estava começando a se envolver com produção cultural e a Roda Cultural da Rocinha.

Tudo indica que o processo de migração em busca de ascensão vivenciado pelos pais de Leonardo, foi assimilado por ele. Do ponto de vista dos pais do jovem, ainda que

eles tenham ou em algum momento da trajetória passaram por trabalhos com pouco prestígio social, eles vivenciaram um processo de ascensão, ainda que pequeno. Ambos conquistaram casa própria. O pai do Leonardo tem seu próprio negócio, ou seja, ao trabalhar em sua própria van, ele é percebido na favela como alguém que está em uma atividade bastante lucrativa, uma vez que este é o transporte principal utilizado pelos moradores da favela para se locomoverem tanto dentro da comunidade quanto em direção de uma boa parte da Zona Sul.

A mãe do Leonardo hoje tem a possibilidade de cuidar apenas de sua casa, uma vez que o padrasto assumiu a responsabilidade financeira da família com seu próprio negócio. Os filhos sempre colaboram financeiramente para que a mãe possa ter recursos para ela própria.

Para a mãe do Leonardo, a escola estava no lastro de investimento familiar como forma dos filhos atingirem melhores postos profissionais. Como Viana (2012, p.424) traz no seu trabalho, “a omissão escolar dos pais das camadas populares é um mito produzido”. Podemos reafirmar isso, pois os pais do Leonardo não foram ausentes e omissos, principalmente a sua mãe que projetou o futuro deles em uma faculdade, visando uma ascensão por meio da escolarização prolongada. O mesmo aconteceu com os demais jovens, ainda que eles tenham deixado a escola em diferentes níveis de escolarização, suas famílias sempre fizeram investimentos para que os filhos pudessem estudar.

No caso de Pedro, seus pais nasceram no Rio de Janeiro, os avós maternos e paternos do Pedro sempre moraram na Rocinha, desde que a Rocinha tinha plantações e era composta por casas de madeira. Logo, os pais de Pedro foram criados na Rocinha, acompanhando todas as transformações da favela. Pedro diz que não gosta de contar a história da sua família, pois para ele cada um tem que falar por si. Seu avô materno trabalhou em obras, hoje ele é aposentado e não frequentou a escola e sua avó estudou até o segundo ano do ensino fundamental, fazia faxinas e agora é do lar. O avô paterno é multisserviços, ou seja, ele é aquela pessoa que conserta aparelhos domésticos, desentope cano, mexe em fiação, entre outras coisas, ele também não frequentou a escola, algo que acontecia com maior frequência na geração dos avós, hoje em dia ele ainda faz pequenos reparos. A avó paterna é do lar e também não frequentou a escola.

A mãe de Pedro foi doméstica, estudou até o 5º ano, e hoje cuida do lar. O pai de Pedro desde muito novo se envolveu com luta, mais especificamente o boxe. Começou sendo auxiliar de professor de boxe e hoje ele é professor. Em razão de sua atividade,

atualmente, está cursando Educação Física. Ambos se conheceram na adolescência e decidiram morar juntos. Eles têm três filhos, sendo o Pedro mais novo. Os irmãos mais velhos, um é oficial do bombeiro e o outro é assistente da associação dos moradores da Rocinha, a função dele é fiscalizar, observar qual rua está faltando água, luz, problemas sanitários, e coisas do tipo, para encaminhar problemas burocráticos, ele auxilia os moradores com compra de casa, escrituras de imóveis e regulamentação de serviços na favela.

Hoje os pais dele têm um prédio próprio, na casa mora o pai e a mãe e os filhos. Cada filho tem uma quitinete os pais construíram para eles. O prédio também tem uma laje, equipada com tatame, saco de pancada e alguns utensílios como luva, protetores. Lá ocorrem os treinos e aulas particulares de boxe que o pai dele oferece.

Pedro relembra que seus pais sempre levaram bastante a sério a escola, sua mãe era assídua nas reuniões. Ela também comparecia bastante na escola por conta do seu “mau comportamento” e sempre repudiava a postura do filho em relação à escola. Pedro lembra que teve bastante incentivo à leitura, seus pais sempre o presenteavam com histórias em quadrinhos (HQ’s) de super-herói, inclusive hoje sua quitinete tem as paredes completas com folhas de HQ’s e ele afirma que leu todos e guarda uma minicolecção com os seus preferidos. Pedro fala com carinho que sua mãe lhe deu um livro de rimas na infância. Lamenta por ter perdido o livro, mas conta que ali ele já sabia que iria rimar, tanto por conta do seu gostar de rima, quanto pela facilidade para fazê-las.

Pedro diz que sua mãe sempre corria atrás de atividades para ele fazer. Ele se lembra que todos os verões da sua infância, sua mãe o inscrevia na colônia de férias Botinho, projeto ofertado gratuitamente pelo Corpo de bombeiros do Rio de Janeiro. Ele lembra também que participou do projeto Segundo Tempo no clube Umuarama, ele fazia reforço escolar e praticava esportes no clube, como natação e futebol.

Pedro conta que no ensino médio, seus pais lhe davam dinheiro todo dia para ele comprar algum lanche ou caso precisasse de algo na rua. Porém, Pedro mentia, falava que ia para a escola e ia para outros lugares, como as Rodas de Rimas espalhadas na cidade. Quando seus pais descobriram ficaram extremamente chateados, conversaram bastante sobre a importância da escola, mas Pedro estava decidido em deixar à escola, contrariando o desejo de seus pais.

Seu pai queria um filho lutador. Pedro diz que o pai apostou nele, mas, apesar dele gostar de boxe, via a luta somente como um hobby. O desejo na infância dele era ser MC,

desde quando seu pai escutava rap nos seus treinos, Pedro teve identificação com aquela música e isso se intensificou na adolescência, quando começou a participar como expectador do evento rodas e rimas na favela.

Apesar do desacordo da família em relação à saída da escola, uma das exigências da sua família era que ele não se envolvesse com o tráfico ou com “trabalho desonesto”, conforme Pedro relata nas entrevistas. De certa forma, estar envolvido em seu grupo de rap e rodas de rima significava se ocupar com outras atividades, se afastando do “mundo do crime”.

Tanto Pedro quanto Leonardo são negros retintos e podemos notar uma semelhança quando falam dos desejos paternos - os pais sempre destacaram que eles deviam ser trabalhadores e não deveriam se envolver com a “bandidagem”, exigindo uma postura “correta”. Nas demais entrevistas não aparecem essa postura da família, mas ambos se declaram como brancos, além de ter a questão de gênero feminino menos associado à possibilidade de “ir para o mundo do crime”.

Célia tem mãe carioca e pai nordestino. O pai de Célia veio do interior de Minas para tentar novas possibilidades de trabalho no Rio de Janeiro. Seu avô paterno trabalha no roçado e não frequentou a escola, a sua avó paterna estudou até o 3º ano do ensino fundamental e é do lar. O pai de Célia começou a trabalhar como ajudante de cozinheiro. Atualmente ele é cozinheiro em um restaurante na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Sua mãe foi a primeira da família a ter uma graduação. Estudou no ensino médio no magistério, após concluir o ensino médio, fez faculdade de pedagogia. Seu avô materno é pedreiro estudou até o terceiro ano do ensino fundamental e sua vó costureira e concluiu o ensino fundamental I, eles sempre moraram na Rocinha. Sua mãe sempre atuou na área da educação como auxiliar de professor do fundamental I, após foi professora regente e atua até hoje em um colégio privado na comunidade na Rocinha.

Célia lembra que a sua mãe sempre incentivou bastante os estudos, era rígida e exigia notas boas sua e dos seus irmãos. Quando Célia não tirava notas boas, ela ficava de castigo. Lembra que na sua casa tinha muitos livros infantis, que a mãe lia e incentivava os filhos a lerem. Célia narra que seu pai também incentivava, não tanto quanto a sua mãe, mas estimulava e dava condições para ela estudar sem preocupações.

Com a mãe religiosa, Célia na sua infância participou bastante de atividades oferecidas pela igreja e de grupos jovem evangélico. Atualmente, Célia diz que não tem nenhuma religião.

Célia relembra que sua mãe falava para os filhos que tinha que ir para escola para ser alguém na vida, que tinham que estudar e fazer faculdade. Apesar do incentivo, Célia decidiu deixar a escola no 9º ano do ensino fundamental, pois não tinha interesse nos estudos. Célia fala que a mãe repudiou seu ato, não aceitou, ficou um tempo sem falar com ela. Mas, Célia não queria ir para escola, achava “perda de tempo”. Segundo ela, seu pai não se achou no direito de intervir na decisão da filha, porque ele próprio não concluiu o Ensino Fundamental I. Célia relata que o abandono escolar não se deu por problemas financeiros.

Após o rompimento dos estudos, Célia foi procurar trabalho, ela conta que vendeu colares de miçangas confeccionados por ela mesmo, trabalhou em casa de festa como recepcionista e trabalhou em loja como vendedora. Segundo ela, nunca gostou de ficar parada. Após a sua gravidez, as chances de trabalho diminuíram, e esse fato fez ela se lançar na fotografia.

A gravidez da Célia não foi planejada e foi um choque, por conta da sua idade e do seu marido - ambos com 19 anos - e por falta de planejamento familiar. Apesar da sua família ter ficado decepcionada e não reagido bem, não virou as costas para ela.

Célia fala que não fez nenhum curso profissionalizante, hoje em dia na sua fala, ela diz que se arrepende de não ter escutado sua mãe, e cita a dificuldade de voltar a estudar e conciliar filhos e trabalho, mas espera um dia concluir o ensino médio e fazer um curso de produção audiovisual.

Embora Célia seja a jovem com menor escolarização, os investimentos familiares dos pais, assim como os dos demais jovens, sempre foi de incentivo à escolarização dos filhos como forma de ascensão e busca de melhores oportunidades de trabalho.

Todos os pais e responsáveis desses jovens buscaram, eles próprios, melhores condições de vida, ainda que não tenha sido via escolarização. Com exceção aos pais de Célia, que trabalham com carteira assinada, os pais e padrasto dos dois jovens conseguiram manter as famílias como trabalhadores autônomos, liberando as esposas de trabalhar como domésticas.

Rodrigo tem um caso mais específico. Ele foi criado pela tia paterna, que veio do interior do Ceará junto com o seu irmão (o pai do Rodrigo). Ambos vieram para o Rio de Janeiro tentar uma vida melhor. Foram morar na Rocinha pelo custo de vida ser mais barato. A tia do Rodrigo, estudou até o 6º ano e quando chegou fazia freelancers em festas como garçoneiro, além de trabalhar como diarista. O seu pai estudou até o 3º ano do

fundamental I, fazia bicos em restaurantes, até que entrou para o tráfico, que lhe dava mais rendimentos que o trabalho. A tia de Leonardo sempre foi contra a escolha feita pelo pai do Leonardo e não apoiava o envolvimento dele com o tráfico.

Rodrigo conta que seus avós viveram em situação de pobreza, pois moram no interior do Ceará, tinham muitos filhos e não tinham estruturas para manter todos. Seu avô trabalhava na roça, mais especificamente com colheitas e não estudou. Sua vó se dedicou a cuidar dos filhos e da casa, estudou até o 1º ano do ensino fundamental, ambos estão vivos e após a saída dos filhos de casa, melhoraram de condição, os filhos os ajudam a se manterem.

O pai e a mãe do Rodrigo se apaixonaram e decidiram ter um filho. Mas, após 3 meses do nascimento do Rodrigo, seu pai foi preso. Sua mãe, por ter 19 anos na época, acabou não criando o filho, perdendo o contato com ele, ainda bebê. Por conta da falta de contato, Rodrigo não tem informações concretas da sua família por de mãe.

Rodrigo fala que apesar do pai ser traficante, não teve contato com a criminalidade, pois quando nasceu seu pai estava preso. Só lembra das visitas que eram dias de segunda e tinha que faltar a aula, mas como sua tia não gostava que ele faltasse, sempre fazia um esforço para que ele não “perdesse” a matéria. A escola tinha ciência da situação dele. Rodrigo fala que seu pai, mesmo em restrição de liberdade, perguntava sobre seu empenho na escola. O pai dele recuperou a liberdade quando ele tinha 6 anos de idade, sendo assassinado menos de 1 ano após ser solto.

A grande responsável pela criação do Rodrigo foi a tia. Segundo Rodrigo, ela topava qualquer trabalho manual para manter financeiramente a casa e sempre guardava dinheiro para não se sentir em situação de limite financeiro. Ela desempenhou muitas atividades segundo ele, como vendedora, babá e garçomete, mas a sua última contratação foi como garçomete. A tia do Rodrigo tem um casal de filhos biológicos, que são mais velhos que o Rodrigo, a sua filha é gerente de um restaurante e o filho é formado em administração e atua na área, Rodrigo tem um ótimo relacionamento com eles e considera como irmãos. A tia do Rodrigo é viúva e hoje não mantém nenhum relacionamento. Hoje em dia ela vive de renda de casas alugadas na Rocinha. Parte da compra dessas casas se deu após o falecimento do pai do Rodrigo que deixou valores para a tia, que pôde adquirir esses imóveis.

A tia do Rodrigo sempre investiu tempo e dedicação para conseguir incluir Rodrigo em projetos sociais, como, por exemplo, o projeto Segundo Tempo, que oferecia

reforço escolar e atividades esportivas em geral. Ele fazia parte de escolinha de futebol, além de ter feito curso de inglês gratuitamente. Apesar de atualmente Rodrigo não ter uma religião, sua tia é católica e quando ele era criança, a tia o inscreveu para fazer catequese e crisma. Rodrigo concluiu ambos, ele brinca que agora só falta casar para completar os sacramentos.

Diferentemente de Pedro e Célia, que não viam sentido na escolarização desde cedo, Rodrigo não tinha problemas na escola, era um aluno considerado com empenho alto e notas boas. Os professores sempre o incentivaram, informando sobre possibilidades de bolsas escolares. Mas, como mencionado anteriormente, pela falta de uma guarda legal por parte da tia, Rodrigo perdeu muitas oportunidades escolares e extraescolares, especialmente quando implicava em atividades que envolviam viagens.

Rodrigo, quando decidiu largar o seu emprego no ramo da hotelaria causou surpresa na sua tia, ela ficou surpresa e não conseguia entender a vontade dele de sair, já que era um trabalho em que ele ganhava bem e tinha plano de carreira, apesar de ter uma carga horária exaustiva, ela via como um trabalho estável e que dava “futuro”. Ela não compreendeu sua vontade de sair, pediu para ele refletir e pensar melhor.

Ele conta que conversou com ela, mostrou sua visão que não era mais feliz no hotel e deu exemplos de jovens que fazia música e conseguiam se manter, como o cantor Orochi, após isso, Rodrigo conta que a sua tia apoiou suas escolhas, pois o mais importante para ela era vê-lo feliz.

Ainda que a trajetória dos jovens em foco na pesquisa tenha suas especificidades, notamos que se trata de um grupo homogêneo em relação as características familiares. Trata-se de jovens com famílias estruturadas minimamente economicamente, com pais/responsáveis presentes no que se refere aos investimentos escolares e extraescolares, sendo grande parte delas oriundas de movimentos migratórios em busca de melhores condições de vida, ou seja, em busca de ascensão social, oferecendo aos jovens uma perspectiva de futuro vislumbrando ascensão social.

Com exceção da família do Pedro, todas as outras famílias passaram por processos migratórios, geralmente do interior do Nordeste ou Minas Gerais, com o mesmo objetivo – melhores condições de vida-, ao migrarem para a cidade buscaram oportunidades de emprego. Saindo de áreas rurais para urbana.

Conforme Perlman (1977, p.41):

A primeira leva importante de migrantes rurais no Brasil, nos primeiros anos da década de 1930, provocou o rápido crescimento da população favelada. Uma queda brusca no preço de produtos agrícolas brasileiros nos mercados mundiais fez cair ainda mais o baixo padrão de vida em muitas áreas rurais. Ao mesmo tempo, o novo governo intensificava o desenvolvimento industrial para suprir o mercado interno [...] A moradia se tornou escassa e cara. Os serviços urbanos, inclusive o transporte desde os subúrbios, eram precários. Aos novos migrantes à procura de casa vinham somar-se os moradores da cidade que não mais podiam pagar os aluguéis nem mesmo de cortiços, avenidas ou cabeças de porco. As favelas nas colinas ao redor do centro da cidade ofereciam a dupla vantagem de não cobrarem aluguel e de serem bem localizadas e para muitos constituíam a melhor solução. A partir de então, as favelas aumentaram cerca de 8,5% da população carioca, em 1960, 16%, e em 1970 32%.

A mobilidade, ainda que para a favela, representou pelo menos a saída, para a maioria da geração dos pais/ responsáveis desses jovens, do legado do trabalho rural. Atualmente, a maior parte dessas famílias, especialmente a figura masculina (com exceção à tia de Rodrigo) tem seus próprios negócios, ou seja, são autônomos, e são vistos na comunidade como aqueles que possuem algum bem e recursos próprios para se manter economicamente. As atividades econômicas desenvolvidas pelos pais, permitiram que as mães desses jovens pudessem deixar o trabalho de doméstica, e no caso da tia de Rodrigo – que é arrimo de família – permitiu que ela se liberasse dos trabalhos braçais. Apenas a família de Célia trabalha com carteira assinada.

Ainda que essas famílias tenham conseguido uma ascensão social pequena e relativa (pois há a incerteza da estabilidade financeira ao longo do tempo, especialmente para aqueles que vivem de seus pequenos negócios), elas não ascenderam via escolarização. Somente o pai de Pedro está cursando faculdade e a mãe de Célia cursou o ensino superior, mas em um período posterior, ou seja, quando os filhos já estavam traçando seus próprios cursos de vida.

As famílias, por sua vez, estando em áreas urbanas orientaram o projeto de ascensão dos filhos, sobretudo, via escolarização. Tais características das famílias deste

grupo parecem indicar ao menos em parte a disposição desses jovens para se projetarem em uma perspectiva de ascensão.

Entretanto, os jovens em questão, como mostramos anteriormente não viram na escolarização um projeto de futuro, como escreve Michetti (2009 p.303):

À universalidade pressuposta das condutas racionais o autor opõe as “condutas razoáveis”, assim denominadas porque não seriam baseadas nem nas decisões da vontade consciente, nem nas determinações mecânicas de poderes exteriores, mas em disposições adquiridas através de aprendizagens sociais longamente confrontadas com as regularidades das condições objetivas.

Tudo parece indicar que esses jovens confrontaram os investimentos familiares com a realidade social.

Segundo Almeida (2008, p.176) “identidade ocupacional forma-se por meio da autopercepção que o indivíduo tem dos papéis profissionais com os quais tem contato ao longo de sua existência principalmente no que diz respeito a figuras significativas”. Isso significa dizer que esses jovens não viram no seu entorno a possibilidade de ascensão social via diplomas.

Como Dayrell explicita (2002, p.10):

“jovens pobres, vivenciam formas frágeis e insuficientes de inclusão num contexto de uma nova desigualdade social: a nova desigualdade que implica o esgotamento das possibilidades de mobilidade social, para a maioria da população (...) o trabalho não oferece mais um tipo de regulação da sociedade, a escola não cumpre a função de moralização e mobilidade social e novos modelos ainda não estão delineados “

Frente as desigualdades, os jovens não viram por meio da escola a possibilidade de ascensão social.

Segundo Dayrell (2003, p.43)

Quando cada um desses jovens nasceu, a sociedade já tinha uma existência prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, portanto, não foi produzida por ele. Assim, o gênero, a raça, o fato de terem como pais trabalhadores desqualificados, grande parte deles com pouca escolaridade, dentre outros aspectos, são dimensões que vão interferir na produção de cada um deles como sujeito social, independente da ação de cada um. Ao mesmo

tempo, na vida cotidiana, entram em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentidos, que dizem quem ele é, quem é o mundo, quem são os outros. É o nível do grupo social, no qual os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria.

Por motivos já explicitados anteriormente, os projetos de futuro iniciais foram reestruturados, de modo que atualmente esses jovens se prospectem em torno do movimento hip hop, seja na produção artística ou como artistas, não aceitando como “destino” os subempregos e atividades manuais.

Quando Leonardo contou para a sua mãe que iria largar a faculdade e se dedicar aos novos projetos envolvendo a Roda Cultural e o seu novo trabalho auxiliando o Maxwell Alexandre (artista da favela que tem sido reconhecido e vem realizando exposições em Museus como o MAR – Museu de Arte do Rio de Janeiro), ela foi contra, pois queria que ele se formasse em Serviço Social e arrumasse um emprego com estabilidade.

A aceitação do fato que ele havia desistido do curso demorou, pois ela queria “um filho formado”. Leonardo conta que até para a mãe a aceitar que ele trabalhava com arte e era produtor da Roda Cultural não foi fácil, uma vez que ela não reconhecia essas atividades como trabalho.

Hoje, após três anos, a mãe de Leonardo aceita e valoriza o trabalho do filho, pois percebeu que estava havendo retorno financeiro ao se tornar o braço direito do Maxwell, viajando para montar exposições e conhecendo pessoas que reconhecem seu trabalho e têm interesse em ajudar a Roda Cultural.

Para o pai do Pedro, que é professor de boxe, ser lutador era a alternativa para o garoto que desde jovem recebia como veredito a falta de perspectiva no espaço escolar. Tornar-se MC foi algo que a família não levou a sério, achavam que era uma fase. Pedro fala que a mãe e o pai dele também demoraram para aceitar. Como ele narra na entrevista, hoje os pais são “conformados” com sua escolha, pois entendem que esse investimento pessoal é importante, uma vez que ele não foi “para o mal caminho”, ou seja, o tráfico de drogas, como dito anteriormente.

No caso do Rodrigo, quando ele decidiu se dedicar ao rap, sua tia não aceitou, pois nas palavras dele, ele já estava “encaminhado”. Rodrigo trabalhava no ramo da

hotelaria, uma atividade profissional que sua tia enxergava ser estável, já que Rodrigo tinha facilidade em inglês.

A tia pagou o curso técnico de hotelaria para ele. Quando ele decidiu se dedicar às rimas, já era formado e trabalhava em hotéis, garantindo um recurso financeiro visto como estável. A tia dele não aceitou e o questionou bastante. Entre os argumentos, ela falava bastante sobre a estabilidade de ter a carteira assinada. Atualmente Rodrigo é autônomo, trabalha como motoboy fazendo entrega via aplicativo. Apesar de ter um trabalho pouco regulamentado e com baixo retorno financeiro, a atividade permite ao jovem ter flexibilidade de escolha de horário de trabalho, o que significa para ele ter maior disponibilidade para investir no seu sonho.

Para Célia, cuja saída da escola se deu ainda no ensino fundamental, teve efeitos na relação com a mãe, que ficou sem falar com ela por mais ou menos um mês. Atualmente, Célia fala que a sua mãe e seu pai cuidam dos filhos dela, para que ela possa fazer suas atividades de fotografia, como frequentar a Roda Cultural para tirar fotos, ou mesmo realizar trabalhos com outros artistas do hip hop, editando e produzindo clipes. Mas, segundo Célia, até pouco tempo ela ouvia muitas críticas da sua família, pois eles queriam que ela tivesse um trabalho formal com carteira assinada. Para ela, os pais não entendem muito o seu trabalho, mas hoje ela não se importa, pois eles a ajudam ficando com os seus filhos, o que é fundamental para desenvolver suas atividades.

Nota-se que as famílias investiram na escolarização dos filhos como projeto de futuro e elas tiveram resistência em aceitar a saída da escolarização, ainda que para cada um ela se deu em uma etapa diferente. Em todos os casos, a saída da escolarização não esteve relacionada à precariedade econômica da família ou à dificuldade ao acesso escolar, mas aos processos internos do sistema escolar e/ou aos ajustes de percepções dos jovens com sua realidade – isso quer dizer que eles não viram uma forma de ascensão ou sentido nesse tipo de formação.

Vemos que o grupo de jovens que pôde investir na Roda Cultural da Rocinha e se projetarem profissionalmente nas atividades vinculadas à arte hip hop, pertencem a famílias estruturadas economicamente, relativamente pouco numerosas, e sem terem vivenciados na infância e juventude situações de precariedade extremas, como a fome.

Ainda que essas famílias tenham resistido aos investimentos dos jovens na cultura hip hop, eles apoiam, indiretamente ou diretamente, os filhos a investirem em seus sonhos. As famílias oferecem moradia, roupa lavada, comida, poupando-os desses

trabalhos, com exceção à Célia. De toda forma, esses jovens sabem que se algo der “errado “eles têm um “porto seguro”, pois a família os acolhe.

O envolvimento com a Roda Cultural parece indicar uma forma de romper com a história familiar que envolve trabalhos manuais. Nas narrativas dos jovens, podemos notar que são ambiciosos e fazem grandes projeções para o futuro com trabalhos envolvendo o hip hop e a Roda Cultural, ou seja, a arte - um universo pouco familiar.

De toda forma, para a maior parte desses jovens, o investimento em uma atividade econômica, sem contrato de trabalho com carteira assinada, é bastante familiar e uma experiência de sucesso, o que pode explicar, em parte, seus engajamentos.

Entretanto, como esses jovens puderam fazer ajustes de um projeto de futuro que fugisse da submissão e trabalhos manuais e de menor prestígio (ainda que alguns deles também o façam), investindo e alimentando seus sonhos vinculado ao universo artístico do hip hop?

Compreender esse ajustamento nas projeções dos jovens será parte do próximo item.

3.2 – A cultura hip hop e a Roda Cultural da Rocinha como experiência positiva de jovens da favela

Ao decorrer das entrevistas, podemos perceber que as expectativas familiares quanto à escolarização dos filhos foram altas, os responsáveis dos jovens incentivavam o processo de escolarização deles, buscando meios de garantir a entrada e permanência escolar, uma vez que eles apostaram na escola como via legítima de ascensão para os filhos.

A educação foi assimilada pelos responsáveis como via primordial para prosperar na vida e conseguir um bom emprego.

Como Lahire (1997, p.334) escreve:

Aliás, é importante destacar que os pais, ao exprimir seus desejos quanto ao futuro profissional dos filhos, tendem, frequentemente, a desconsiderar-se profissionalmente, a “confessar” a indignidade de suas tarefas: almejam para sua progênie um trabalho menos cansativo, menos sujo, menos mal remunerado, mais valorizador que o deles.

Com exceção a mãe da Célia e o pai do Pedro, os demais responsáveis não tiveram uma escolarização longa. Em contrapartida, a maioria veio para o Rio de Janeiro em busca de melhor condição de vida, mas sem nenhuma garantia e, atualmente, eles têm casa própria, a maioria dos homens têm seus próprios “negócios”, trabalhando de forma autônoma, enquanto a maioria das mulheres conseguiram deixar seus trabalhos como domésticas. A trajetória familiar desses jovens mostra que na geração dos pais houve uma pequena mobilidade social, que geraram pequenos retornos econômicos, que permitiram uma relativa estabilidade, apesar das longas jornadas de trabalho.

Apesar dos investimentos familiares, na prática a escola excluiu precocemente parte desses jovens (a Célia no ensino fundamental e Pedro no ensino médio), e o sentimento de desmotivação, desencantamento para dar continuidade aos estudos, ainda para aqueles que prosseguiram um pouco mais na escolarização, parece indicar que os esforços nesse investimento não gerariam os retornos esperados. No entorno, esses jovens não viram efetivamente alguém ascendendo via escolarização, mesmo para o pai do Pedro e da Célia, seus diplomas não tiveram efeitos concretos em suas atividades profissionais.

Sendo assim, os jovens foram ajustando suas projeções de futuro, uma vez que seus próprios projetos iniciais, foram interrompidos, seja por problemas burocráticos em relação a responsabilidade legal de cuidado, pelo machismo estrutural que recai sobre as adolescentes grávidas, pelas experiências escolares negativas ou preconceito racial ou de local de moradia, como apresentado no capítulo anterior.

Tendo em vista que o meio externo interfere nas disposições e nas estratégias, podemos falar que a reestruturação dos projetos desses jovens se ajusta com o campo de possibilidade, como Correia (2018, p.89) escreve:

"Devemos compreender como campo de possibilidades o espaço social no qual caminhos/oportunidades são enxergados e experimentados pelos indivíduos ao longo da sua trajetória de vida. Esse campo de possibilidades é dinâmico e se reestrutura a partir de elementos objetivos como posse de bens materiais e redes de sociabilidade, ou de elementos subjetivos como ideologias e crenças."

Dentre o campo de possibilidades, existem as interações que os indivíduos têm, sejam com as instituições, pessoas e comunidade que eles fazem parte. Nesse contexto, o

campo de possibilidades pode expandir, reduzir ou ser alterado por questões econômicas, pelo contexto social, por redes sociais ou visão de mundo de indivíduo.

Observamos mediante as entrevistas que os mesmos, apesar de não terem exemplos ao redor de ascensão via escolarização, nem muitos exemplos concretos de pessoas que ingressaram no mundo do trabalho em profissões de prestígio social elevado, isso não significou que os jovens entrevistados não fizessem projeções altas.

Mas, quais experiências podem ter contribuído para que esses jovens pudessem se lançar em caminhos que envolvem a arte hip hop?

A experiência de ver artistas do mundo do hip hop obtendo sucesso, ou seja, jovens iguais, oriundos de regiões consideradas periféricas, da favela, de origem econômica baixa, negros, indica a possibilidade desses jovens se verem e se reconhecerem como sujeitos que pudessem atuar e conquistar posições mais prestigiosas com suas próprias identidades e com o universo da arte hip hop – uma expressão cultural que retrata as regiões consideradas “periféricas”, “marginalizadas”, em que se encontra uma população com baixos recursos econômicos, pouca infraestrutura, em grande parte com a presença grande da população negra, associando certos modos de falar e vestir.

O próprio Leonardo, vê seu amigo Maxwell, um jovem negro da Rocinha, ser reconhecido enquanto artista plástico por trazer em suas obras o universo da favela que passa a ser reconhecido no universo das artes plásticas por trazer elementos da realidade, conforme a própria fala do artista:

Maxwell Alexandre, pintor e morador da Rocinha, reconhece a importância do rap, o que também serve como inspiração, como ele diz na entrevista para a revista *Veja*.
Rio

A inspiração brota a partir do que ele vê, mas também do que ouve. Rappers como o carioca BK, o baiano Baco Exu do Blues e o mineiro Djonga o impactaram profundamente, a ponto de versos dos músicos batizarem algumas de suas obras. ‘Quando escuto os discos dos caras, percebo que estamos falando da mesma coisa, penso nas letras deles como pinturas e, estrategicamente, em uma forma de furar a bolha das artes, dialogando com a periferia’, explica.⁴⁸

As referências de artistas negros e de periferia estiveram no universo de socialização desses jovens, por diferentes vias. No caso do Pedro, foi nos treinos de boxe

48. O carioca Maxwell Alexandre conquista espaço no seletor clube da arte contemporânea mundial. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/beira-mar/maxwell-alexandre/>>

com o pai que ele teve contato com o hip hop, escutando Racionais Mc's, Facção Central, Mv Bill e Planet Hemp.

Pedro fala que a sua identificação começou ali, ele queria ser um daqueles artistas, “cantar umas verdades” como ele mesmo comenta. Pedro encontrou a identificação cedo com a cultura hip hop, e apesar da família achar que se tratava de um interesse passageiro, a identificação dura mais de 20 anos.

Pedro fala:

“Eu escuto rap desde pequeno, sempre gostei. Me identificava com as letras porque tinha papo reto, tá ligado? Contava a realidade, não tinha enrolação. Eu gosto disso. Eu me via crescendo e fazendo isso, cantando para o povo, mandando o papo reto sem curva.”⁴⁹

O Pedro quando fala do rap que escutava/escuta, cita Racionais Mc's e em especial o líder do grupo Mano Brown. Ele conta:

“Eu cresci tendo Racionais como inspiração, meu pai escutava Marcelo D2 mas, como, achava um papo com muita curva, eu gosto da realidade. O Mano Brown foi uma grande influência, ele tem postura, não é vendido para o sistema, ele é gente como a gente, tá ligado?”⁵⁰

Como Moreno e Almeida (2002, p.136) trazem: “A identificação com a canção do grupo Racionais não é apenas metafórica. Em suas vidas cotidianas, os jovens estavam continuamente confrontados à experiências de racismo e privação material.”

Com isso, podemos perceber a identificação entre indivíduos excluídos, com histórias semelhantes, seja por conta da cor da pele e por residirem em lugares desassistidos pelo Estado, compartilhando o mesmo drama social. Mas, ao mesmo tempo o reconhecimento de seus semelhantes em posição de destaque, como artistas, não é uma representação desprezível, ao contrário, é uma amostra de que é possível, apesar das condições semelhantes, chegar ao universo do mundo hip hop e ter destaque, econômico e social.

49. Pedro. Entrevista com Pedro. [jan. 2021]. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

50. Pedro. Entrevista com Pedro. [jan. 2021]. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

O nome citado como referência nas entrevistas é o Mano Brown, que começou a sua carreira em meados dos anos 1980 na periferia de São Paulo. Homem negro, criado pela mãe que era doméstica, se expressa por meio do rap, cantando suas vivências e dificuldades. Ele se tornou o principal compositor do grupo mais importante e respeitado do Brasil, os Racionais MC's, inclusive, no vestibular da UNICAMP o álbum do grupo "Sobrevivendo no inferno" se tornou leitura obrigatória para os vestibulandos.

Mano Brown hoje em dia tem uma produtora chamada "Boogie Naípe", se tornou um grande intelectual, além disso tem um podcast chamado "Mano a mano", um dos mais ouvidos no país, ficando frequentemente no topo dos mais ouvidos da plataforma de streaming, os assuntos principais tratados são, racismo, inclusão social e política.

Pedro, cresceu tendo referência um homem negro, que tinha a mãe doméstica (como a dele) e que cantava a sua realidade vivida.

No caso do Leonardo, ele diz:

Leonardo conta que:

"Eu cresci ouvindo rap e tenho várias inspirações, mas hoje quem é minha referência é o Emicida, por sua inteligência e reflexões, por criticar o sistema e por ele ter tido vivências parecidas com a minha, sabe?

Assim como o Emicida é referência para mim, eu também quero ser referência para os meninos da minha área"⁵¹

Leonardo era um garoto tímido, como ele fala, mas o seu trabalho como líder na Roda Cultural e trabalhar com o Maxwell Alexandre, fez ele ter outra postura. O Emicida é um exemplo de alguém parecido com ele e que conseguiu poder por meio do rap. Emicida, homem negro, cresceu na zona norte paulista, ficou conhecido por suas batalhas de MC's com rimas improvisadas em SP, se destacou por ganhar a maioria das batalhas, hoje ele é considerado um dos maiores Rappers do Brasil, uma das vozes mais potentes sobre a valorização da cultura negra.

Além deste exemplo, Leonardo trabalha com o Maxwell Alexandre, homem negro, morador da Rocinha que ascendeu por meio da arte, realizando pinturas que trazem a realidade das favelas do Rio de Janeiro e negros poderosos e influentes. Atualmente,

51. Entrevista realizada no dia 01 de fevereiro de 2021, com o Leonardo organizador da Roda Cultural da Rocinha.

Leonardo tem o desejo de se tornar empresário com sucesso financeiro e ser conhecido no mundo do rap.

Rodrigo, o único garoto branco, diz que a aproximação com o rap se deu com 18 anos, via um amigo que o levou para conhecer uma batalha de rima. Rodrigo resolveu participar, gostou da atividade e desde então, não parou de fazer rimas.

Eu via os meninos da minha idade voando, sabe? Ganhando dinheiro, reconhecimento, falando sobre a nossa realidade, transmitindo informações. Eu me apaixonei por aquilo e de poder fazer rap. Exemplo, o Orochi eu assistia as batalhas dele no Youtube, do nada o cara explodiu, eu acompanhava ele antes dele ser famoso. Eu hoje tenho planos, quero ganhar a batalha nacional do rap.⁵²

Orochi, citado por Rodrigo, percorria o circuito de batalhas de rap do RJ, fez o seu nome nas rodas culturais e estourou na cena musical com o rap, hoje tem mais de 4 milhões de seguidores no Instagram e seus vídeos no Youtube acumulam mais de meio bilhão de visualizações.

A presença desses homens negros e/ou periférico que ascenderam na vida através do hip hop se torna um exemplo concreto de sucesso, em oposição a ausência de ascensão via escolarização. Efetivamente, esses jovens viram nestes artistas inspirações de sujeitos com características semelhantes as suas, ascendendo socialmente.

Em virtude de uma perspectiva de futuro ascendente disseminada desde a infância, o ajuste das projeções se deu na escolha de outros percursos, que diferissem da escolarização.

Elaborando escolhas e decisões, esses jovens passaram de consumidores para produtores. É possível perceber alguns fatores que influenciam essas escolhas dos jovens, como, lugar social que ocupam, a identificação com as letras cantadas e se identificar com quem ascendeu através do hip hop, seja por conta da cor da pele, pela origem ou por se identificar com a trajetória. “Significa dizer que a escolha e a adesão ao estilo são frutos de uma complexa trama na qual estão presentes os determinantes sociais, mas também a expressão da subjetividade” (DAYRELL, 2002, p.127).

52. Rodrigo. Entrevista com Rodrigo. Fevereiro 2021. Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro. 2021.

Por isso, em muitos casos o hip hop e os seus artistas, passam a ser solução do imaginário futuro e passa a compor o que almeja para a sua vida profissional. O rap se torna um meio de ascender na vida, trazendo exemplos e significados para estes jovens.

Célia tem uma história diferente, a chegada na Roda Cultural se deu por meio do seu marido que é MC. Para ela não foi a referência desses grandes artistas que gerou um interesse, mas, por acompanhar o marido, acabou tirando fotos para aumentar seu portfólio na rede social. Trata-se de um ambiente predominantemente masculino, mas que até então ninguém tinha o hábito de tirar fotos, o que foi percebido como uma forma de divulgação da Roda. Célia conta:

Decidi focar na Roda Cultural porque acreditei que eu tinha potencial ali, eu gostava e gosto de fazer e acontecer, de dar a cara para se mostrar. Fora o acolhimento que eu tive. Eu curto, acho legal a proposta da Roda e o seu efeito nos jovens. Eu agarrei e quis aproveitar a oportunidade, aos poucos fui crescendo e ganhando visibilidade, no momento em que eu entrei a Roda estava sem nenhuma representatividade feminina, então os holofotes foram para mim, comecei a receber propostas convites para gravar, produzir clipes e fotografar, desde então não parou mais. ⁵³

O sentimento de acolhimento foi fundamental. Hoje em dia ela recebe convites para fotografar grandes nomes da atualidade do Rap como, Djonga, BK e Froid, como também ajudou produzir um videoclipe desses artistas chamado “Radín”. Ambos são homens negros, periféricos, que se lançaram na música nos anos 2000 e tiveram ascensões por meio do rap. Além das inspirações em artistas do universo hip hop, esses jovens, ao se colocarem como sujeitos ativos na construção da Roda Cultural da Rocinha.

A entrada destes jovens na Roda permitiu que eles pudessem se ressignificar de suas próprias imagens, que foram em suas trajetórias pouco valorizadas, e desenvolver mudanças comportamentais positivas. No caso do Leonardo, ele superou a timidez passando a ser um líder do grupo, além de montar seu próprio estúdio como fruto do desenvolvimento do seu trabalho como produtor. Célia pôde ampliar a divulgação de sua atividade como fotógrafa e construir uma rede que lhe ofereceu trabalhos com artistas do

53. Célia. Entrevista com Célia. [janeiro.2021] Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

hip hop. Enquanto, Pedro tem feito e divulgado suas próprias canções de rap, fazendo shows e Rodrigo está participando de diversas batalhas de rima.

A participação na Roda Cultural da Rocinha representou que esses jovens que foram desacreditados, pelo sistema escolar, pela localidade de moradia, por ser mãe na adolescência, ou por não ter uma família conforme a regulamentação burocrática da lei, pudessem construir formas de ser que foram valorizados tanto na favela da Rocinha quanto fora dela. Trata do que Moreno (2015, p.21) apontou sobre os ganhos materiais e simbólicos. Como escreva autora:

“(...) as retribuições podem ser materiais, como por exemplo a oferta de postos de trabalho e cargos que permitem aos ativistas viver por e do ativismo, ou podem ser simbólicas, como o sentimento de pertencimento a um grupo ou a honra social associada à ocupação de um determinado posto hierárquico. “

No caso dos jovens entrevistados, ainda que essa atividade não seja vista como um ativismo político no sentido estrito do termo, eles têm retribuições materiais e simbólicas oriundos do envolvimento com a Roda Cultural. Os convites que chegam através da Roda Cultural para a Célia fotografar, ou para o Pedro cantar em eventos de rap e se apresentar em Rodas Culturais de outros bairros, do Rodrigo em poder representar a zona sul do Rio de Janeiro em eventos renomados de rap e o Leonardo em poder fazer networking, se colocar como organizador da Roda Cultural, abrir espaços para ele ocupar no mundo da cultura e idealizar projetos envolvendo a Roda são exemplos desses ganhos.

Observamos que os jovens ganharam legitimidade dentro da Roda Cultural, eles fortalecem as suas posições dentro do grupo - assumindo e dividindo as tarefas - ganham respeito do público, formando uma própria rede de fãs que os acompanham nas redes sociais e frequentam o evento todos os domingos. Eles se tornaram referenciais dentro da favela, construindo um elo simbólico e afetivo tanto com os demais jovens da Rocinha, quanto com o lugar que vivem.

Para o Leonardo tal reconhecimento faz parte de seu projeto de futuro. Durante a entrevista ele diz: “O futuro que eu vejo, são essas pessoas tendo essa admiração hoje por mim, pela pessoa que eu sou.” Borba, Santos e Lima (2021, p.11) fizeram uma pesquisa sobre as estratégias e táticas de juventudes da escola pública na cultura do consumo. Em uma entrevista realizada na pesquisa, uma jovem cita a Roda Cultural da Rocinha:

Uma jovem contou que participa da Roda Cultural da Rocinha e que os produtores culturais da roda, segundo ela, “sempre estão em prol da comunidade, recolhendo alimentos e agasalhos para distribuir para quem precisa” e “batalhando para que a roda aconteça, trazendo atrações que a gente nunca imaginava que veria na Rocinha”.

Podemos observar que o trabalho dos jovens é reconhecido positivamente pelos moradores da favela, sendo a Roda Cultural considerada como algo importante naquele ambiente.

Em uma das minhas idas a Roda Cultural, estava ao lado do Rodrigo, quando uma moça chegou e falou:

“- Você que é o Rodrigo? Sou sua fã e te admiro. Sou de Laranjeiras (bairro da Zona Sul carioca) e acompanho o seu trabalho.”.

Rodrigo, ficou surpreso e ao mesmo tempo orgulhoso do seu trabalho ser reconhecido.

A Roda é um meio que permite a esses jovens construírem sua autoimagem de forma positiva, uma forma de se firmar como “alguém” em uma sociedade que tende a vê-los como anônimos ou marginais.

Esse reconhecimento não se dá apenas na Rocinha. Pedro, por exemplo, faz shows em outras regiões do Rio de Janeiro, como na Cidade de Deus (zona oeste), Central (centro) e Pavão e Pavãozinho (zona sul). Pedro conta que geralmente muitos homens chegam até ele falando que se identificam com as letras de suas músicas.

A popularidade destes jovens também acaba os beneficiando em relação as conquistas com as meninas.

As experiências geradas pela atuação na Roda Cultural permitiram aos jovens ampliarem suas redes de contatos e possibilidade de trabalhos profissionais. Célia fala sobre como a Roda Cultural abriu espaço para ela atuar profissionalmente com a fotografia:

Antes eu me sentia perdida, sabe? Não sabia o que fazer, sabia que tinha que ter dinheiro, tirava fotos de aniversários, fazia ensaios de gestantes e mulheres. Eu gostava, mas não acreditava que aquilo iria me dar um futuro, tratava como passageiro, era uma forma para se livrar do desemprego. Quando entrei na Roda, um mundo se abriu e eu descobri que queria trabalhar no ramo audiovisual naquele meio, produzindo clipes e tirando fotos de artistas na Roda Cultural. Hoje recebo convites para fazer clipes grandes, nem acredito, sabe? A Roda me deu visibilidade, as vezes a pessoa me vê no domingo, na Roda Cultural, fica observando, no final me chama pra conversar, quer fazer algum

trabalho audiovisual comigo. É muito gratificante, é bom trabalhar com o que se gosta e melhor ainda quando faz sentido.⁵⁴

Neste sentido, é possível perceber que o envolvimento destes jovens com a Roda deu a possibilidade deles ajustarem seus projetos de futuro e contarem novas histórias de si mesmos, uma vez que nessa atividade eles puderam experimentar retornos positivos sobre si. Com o envolvimento com a Roda Cultural, os jovens conseguem ganhar dinheiro e fazer networking, e se sentem valorizados pela atividade que realizam. Esse movimento organizado entre eles, traz aquilo que o Estado nega, o reconhecimento de jovens favelados.

Ao contrário das experiências escolares que não foram emancipatórias, os jovens abandonaram o discurso dos pais “você tem que estudar para ser alguém na vida” ou “estude para crescer na vida”. As trajetórias desses jovens mostram a dificuldade de experiências no espaço escolar que os valorizassem e reconhecessem sua cultura e identidade.

O que se nota, é que os jovens não viram caminhos para ascender via escolarização, seja por falta de exemplos dessa forma de ascensão no entorno, seja por não terem se identificado com aquele local. Em contrapartida, eles viam artistas favelados prosperando por meio da arte e alcançando lugares que talvez a escolarização não alcançasse.

Os jovens em pesquisa não querem trabalho modestos. Assim, a arte hip hop veio como estratégia de investimento para o futuro, após os planos iniciais terem sido interrompidos.

É também, por meio da cultura hip hop que esses jovens constroem laços entre si.

Nesse sentido, os jovens conseguem reconhecimento enquanto artistas, constroem uma imagem positiva, valorizam a estética periférica/negra e reafirmam a favela como espaço de talentos.

A Roda Cultural para estes jovens, torna se uma atividade importante, abrindo novos espaços para a materialização da ascensão social e da autonomia dos jovens, que constroem por meio da arte, uma possibilidade de superação, valorização e a afirmação de jovens favelados, que têm grandes aspirações para o futuro.

54. Célia. Entrevista com Célia. [janeiro.2021] Entrevistadora: Mariana Araújo. Informação verbal. Rio de Janeiro 2021.

Considerações finais

Com a finalidade de se interrogar sobre a projeção de futuro de jovens de grupos populares, este trabalho teve como foco interrogar sobre a prospecção de futuro de jovens da Rocinha, engajados na organização da Roda Cultural, um espaço destinado às batalhas de rima. Isso significa, que além de se interrogar sobre a projeção de jovens que vivem na favela, nosso interesse esteve focado em trazer como interrogação, como essa forma de atuação dos jovens poderia afetar em suas trajetórias de vida, inclusive em seus projetos de futuro. Tal interrogação, também vislumbrou desde o início abordar jovens por outro espaço de socialização do que a escola, que comumente costuma estar presente nos trabalhos de sociologia da educação.

Consideramos importante frisar que se trata de um grupo que no início da pesquisa (em 2021) tinha entre 24 e 29 anos, ou seja, estavam muito mais próximos da vida adulta, mas é preciso destacar que a maioria deles não tem filhos, são solteiros e moram com os pais.

A temática da prospecção de futuro de jovens da classe popular, pode ser considerada presente nos estudos da sociologia da educação, entretanto, o que se nota é que tais trabalhos tendem a interrogar a prospecção de futuro em grande parte vinculada ao prolongamento da escolarização e, portanto, as ambições em torno de ofícios que precisam da escolarização formal, descartando outras estratégias possíveis, inclusive vislumbrando ascensão social. Vale lembrar, como apresentado no trabalho (INEP, 2018), que grande parte dos jovens brasileiros não entram na universidade e muitos deles não terminam o Ensino Médio.

Por isso, surge a inquietação da pesquisa, se a escolarização não é igual para todos e a prospecção de futuro para jovens de grupos populares mais vulneráveis nem sempre está vinculada à escolarização, quais as prospecções de futuro dos jovens que não seguiram o caminho da escolarização prolongada? Quais as suas disposições sociais que colaboram para estes jovens construir suas prospecções?

Para o nosso grupo de jovens, além das perguntas acima, procuramos saber qual o efeito da Roda Cultural na projeção de futuro deles. Trata-se de pensar o jovem favelado em sua potência criativa, se opondo ao senso comum que dissemina a ideia de que os jovens da classe popular têm limitações ou são envolvidos com atividades ilícitas, sendo frequentemente vinculados de forma preconceituosa com a marginalidade.

Para mostrar a diversidade no interior da favela, apresentamos no primeiro capítulo as nuances no interior da Rocinha, pois se trata de uma favela que possui no seu interior uma grande heterogeneidade, o que significa por exemplo que nesse espaço existem tantos barracos de madeira em localidades bastante precárias, quanto casas luxuosas com piscina. A Rocinha tem uma localização privilegiada na Zona Sul do Rio de Janeiro e goza de alguns benefícios como o acesso facilitado a cidade. Mas verifica-se que as desigualdades sociais e econômicas são latentes e geram um grande contraste com os bairros da sua adjacência, sendo um lugar de grande abandono no que se refere às políticas públicas.

Apesar de toda essa diversidade e de contar com uma localização geográfica privilegiada, estes jovens continuam sendo marcados pelo estigma da marginalidade.

Partindo do incômodo desse estigma sobre os jovens favelados, olhar os jovens organizadores da Roda Cultural permite entendê-los em suas potencialidades.

Estes jovens atuam no interior da favela, com o intuito de oferecer lazer e atividade cultural, por meio da Roda Cultural e das batalhas de rima. Eles resgataram de forma independente um ponto de encontro para jovens, o que tinha se esvaído na favela por conta de transformações internas, além de revitalizarem o espaço da favela, cuidando do espaço que acontece a Roda e movimentar as vendas do comércio local que fica em torno do evento.

Como foi apresentado, a Roda Cultural da Rocinha é uma atividade cultural vinculada a cultura hip hop, um movimento realizado na comunidade que consegue reunir jovens de vários estilos, sendo considerado um lugar acolhedor, em que todos são bem-vindos. Os jovens organizadores também fazem ações para ajudar moradores da favela, recolhendo doações de alimentos, agasalhos, livros, ou seja, a Roda Cultural é um grande investimento pessoal dos jovens em prol do coletivo e da própria favela da Rocinha, como foi apresentado.

O trabalho mostrou que o envolvimento destes jovens com a Roda Cultural da Rocinha afeta diretamente a perspectiva de futuro projetada por cada um deles. Como vimos, estes jovens têm o desejo de serem produtores culturais e/ou artistas da cultura hip hop. Isso não significa, como vimos, que os jovens tenham os mesmos anseios, pois cada um tem uma projeção específica, bastante vinculada à atividade que eles desenvolvem na Roda Cultural. Tudo parece indicar que a divisões de trabalho do interior do grupo, tornou o anseio profissional de cada um deles, evitando disputas no interior do grupo, o que

facilita a união entre eles, como, por exemplo, a divulgação constante do trabalho um do outro. Existe uma projeção individual que cada um opera em busca de obter melhorias de vida individualmente, mas ao mesmo tempo eles atuam coletivamente de modo que eles possam crescer juntos.

Vale observar quanto o gênero influencia, pois no caso da Célia, ela não participa do grupo nas atividades de maior visibilidade, como ser MC ou fazer a produção do evento, se apresentando as redes externas como uma liderança do grupo, mas ela é incorporada na produção da arte cultural, fazendo a fotografia.

O trabalho mostrou que a união e o pertencimento ao grupo são condições fundamentais para eles serem encorajados a fazer as atividades. Revela-se assim uma enorme potencialidade do movimento, unidos pelo pertencimento, coletividade e por compartilharem os mesmos valores. Essa projeção de futuro é diferente da projeção vinculada a escolarização.

É importante ressaltar que esses não seguiram seus projetos de futuro iniciais. Como abordado no trabalho, estes jovens tiveram seus destinos interrompidos seja por conta do racismo, do machismo estrutural que recai sobre adolescentes grávidas, por preconceitos, pelo sentimento de uma escola não acolhedora, ou mesmo um modelo familiar não reconhecido pela burocracia do Estado. Apesar destas dificuldades, estes jovens se recusaram a terem projetos de futuro modestos, se recusando a aceitar postos subalternos como seus destinos, e elaborando a arte e produção artística como caminho para uma ascensão, já que os projetos iniciais e a própria a escolarização foram interrompidos.

Mas quais caminhos levaram os jovens se reinventarem no mundo da arte ligado com a cultura hip hop? O que fazem para eles se projetarem de forma tão alta?

Por um lado, são os investimentos familiares de uma moral de dedicação à escola como busca de ascensão, pensada pela família, que constitui a disposição para a elaboração de um projeto ascendente.

Como vimos, apesar das especificidades nas trajetórias dos jovens, trata-se de um grupo homogêneo que tem características sociais homogêneas, tais como família que migraram para o Rio de Janeiro vislumbrando melhores condições de vida, e conseguiram uma pequena ascensão nesse movimento, uma vez que atualmente uma grande parte das mães conseguiram de alguma forma deixar os trabalhos manuais e os pais conseguiram conquistar o trabalho autônomo.

Entretanto, as experiências desses jovens com a escola não foram positivas e, nessa trajetória familiar eles não viram no seu entorno exemplos concretos de ascensão via escolarização. Sendo assim, estes jovens acabaram por ajustar suas projeções de futuro.

Isso significa que, por outro lado, são as referências de artistas do hip hop com característica social semelhantes a eles - pretos, pobres e periféricos - ascendendo por meio da arte da cultura hip hop que se tornam uma inspiração para eles, assim como a própria experiência da Roda Cultural, que deu retornos positivos o suficiente para que eles pudessem ver a produção e a arte hip hop como um caminho possível em suas trajetórias.

A Roda Cultural teve início como um projeto desprezioso, mas cuja atuação e engajamento lhes deram, por meio de retribuições materiais (como o recebimento de convite para fazer show e participar de produções grandes envolvendo o hip hop) e simbólicas (como o reconhecimento e o respeito) indicativos que investir nessa possibilidade é promissor. Tais retribuições positivas são o oposto do que a escola e os trabalhos formais lhes ofereceram.

Isso significa que os jovens da favela podem construir projetos para além da escolarização, podem criar e organizar projetos culturais, como é a Roda Cultural da Rocinha, com o propósito de que eles e outras gerações da favela, ou seja, jovens pobres, favelados e negros, se vejam e se reconheçam como capazes de alternativas, mesmo diante das condições sociais que os permeiam.

CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E FAMILIARES DOS ENTREVISTADOS

Nomes	Idade	Cor	Escolarização	Função na Roda Cultural	Religião	Atividades culturais já realizadas	Atividades educacionais já realizadas
Célia	27	Branca	9º o Ensino Fundamental	Fotógrafa/Responsável pelas mídias sociais MC	Não tem	Dança	Curso de Inglês
Pedro	25	Preto	1º ano do Ensino Médio	MC	Não tem	Natação e Futebol	Projeto Botinho, Segundo Tempo
Leonardo	29	Preto	Ensino Médio completo/ Ensino superior incompleto	Produtor	Não tem	Basquete e judô.	Curso de turismo cidadania, inglês, espanhol, guarda-ção de piscina.
Rodrigo	27	Branco	Ensino Médio completo/Curso técnico de hotelaria	MC/Staff	Não tem	Futebol	Projeto Segundo Tempo Curso de hotelaria

Nome	Escolarização da mãe/responsável	Escolarização do pai	Ocupação da mãe/responsável	Ocupação do pai	Religião da família
Célia	Ensino Superior Completo – Pedagogia	3º ano – Ensino Fundamental	Professora	Cozinheiro	Evangélica
Pedro	5º ano – Ensino fundamental	Cursando o Ensino Superior – Educação Física	Doméstica/atuamente sem ocupação profissional	Professor de boxe	Espiritismo
Leonardo	6º ano – Ensino Fundamental	4º ano - Ensino Fundamental	Doméstica/atuamente sem ocupação profissional	Autônomo – Motorista de van	Católica
Rodrigo	6º ano – Ensino Fundamental	3º ano – Ensino Fundamental	Garçonne e diarista/atuamente sem ocupação profissional	Sem dados	Católica

Nomes	Escolarização da avó materna	Escolarização do avô materno	Ocupação da avó materna	Ocupação do avô materno
Célia	4º ano – Ensino Fundamental	3º ano – Ensino Fundamental	Costureira	Pedreiro
Pedro	2º ano - Ensino Fundamental	Não frequentou a escola	Diarista/ Sem nenhuma ocupação atualmente	Trabalhou com obras
Leonardo	2º ano - Ensino Fundamental	Não frequentou a escola	Do lar	Colhedor de frutas e legumes
Rodrigo	Sem dados	Sem dados	Sem dados	Sem dados

Nomes	Escolarização da avó paterna	Escolarização do avô paterno	Ocupação da avó paterna	Ocupação do avô paterno
Célia	3º ano – Ensino Fundamental	Não frequentou a escola	Do lar	Trabalha fazendo serviços na roça
Pedro	Não frequentou a escola	Não frequentou a escola	Do lar	Multisserviços
Leonardo	2º ano - Ensino Fundamental	1º ano - Ensino Fundamental	Do lar	Feirante
Rodrigo	1º ano – Ensino Fundamental	Não frequentou a escola	Do lar	Colhedor de frutas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. de; P.,L. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p.173-184, jun. 2008.
- ALVES, R. Rimas das ruas. **Revista Z**, nº 2, 2014. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/rimas-das-ruas/>. Acesso em: 25 de out. 2020.
- BARBOSA, J. L.; SILVA, J. S. **O que é favela, afinal?** 1. ed. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas / BNDES, 2009.
- BARROS, C. **Do Bronx a Realengo: uma etnografia na 'Sagrada Terça-Feira Rap' do Espaço Cultural Viaduto de Realengo.** 2020. 124 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- BARROS, F. Roda Cultural Da Rocinha Dia 1 Junho No Emoções. **Rocinha Alerta**, 2018. Disponível em: <http://rocinhaalerta.com.br/2018/05/roda-cultural-da-rocinha-dia-1-junho-no-emocoes/>. Acesso em: 18 out. 2020.
- BATISTA, V. **Difíceis Ganhos Fáceis: Drogas e Juventude pobre no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 36.
- BORBA, R. C. do N.; SANTOS, M. S. F. dos; LIMA, M. J. G. S. de. Consumistas ou sujeitos de suas existências? Estratégias e táticas de juventudes da escola pública na cultura do consumo. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 30, n. jan/dez, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/9139>. Acesso em: 13 jan. 2022.
- BOURDIEU, P. (org.). Efeitos de lugar. **A Miséria do mundo.** 7. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2008. p. 159-166.
- BOURDIEU, P. "A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura." In: Escritos de educação 8, **Editora Vozes**, 1998. p. 39-64.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia: a "juventude" é apenas uma palavra.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BULCÃO, L.; PAIVA, R.; TOMAZ, M. DE F. Nordeste e cidadania: cidade do afeto e a reversão da barbárie carioca. **E-Compós**, v. 23, 3 nov. 2020.
- CARRANO, P. Juventude e Participação no Brasil: Interdições e possibilidades. **Democracia Viva**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 3-5, 2006.
- CARRANO, P. O jovem brasileiro e a escola diante da precarização da vida e de desafios democráticos. **Observatório da Juventude**, 2019. Disponível em: <https://www.observatoriodajuventude.org/o-jovem-brasileiro-e-a-escola-diante-da->

precarizacao-da-vida-e-de-desafios-democraticos/. Acesso em: 21 out. 2020.

CAMILO, F. **As práticas de lazer em uma favela carioca**: reflexões sobre essencialismos, heterogeneidade e marcas de identificação social. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CASA FLUMINENSE. **Casa Fluminense**, 2020. Mapa da desigualdade: Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://casافلuminense.org.br/mapa-da-desigualdade/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CATARINA, J. **Responsabilidade Social**: estudo comparativo de casos sobre investimento social privado no setor bancário brasileiro, 2004. 155 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2004.

CIESPI - Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância. **Cartografia da Rocinha**, Disponível em: <http://www.ciespi.org.br/Cartografia/Historico-Rocinha-1038>. Acesso em: 19 jul. 2020.

CORREIA, C.A.J. Projetos familiares na formação de atletas do futebol: Apostas na profissionalização e na escolarização. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, **Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2018.

COLÉGIO Teresiano. **Revista Gestão Universitária**, 2012. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/colégio-teresiano>. Acesso em: 20 out. 2020

COSTA, M.; MENEZES, J. A. Projeto de pesquisa: a arte na política: um estudo do movimento Hip Hop na cidade de Recife. Recife: **UFPe**, 2007.

COSTA, M; MENEZES J. Os Territórios de ação política de jovens do movimento Hip-Hop. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, n. 24, p. 199-216, 2009.

DAMÉ, L. Mais de 1 milhão de jovens não concluem o ensino médio até os 19anos. **Agência Brasil**, 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-12/mais-de-1-milhao-de-jovens-nao-concluem-o-ensino-medio-ate-os-19-anos>; Acesso em: 18 out.2020.

DAYRELL, J. A música entra em cena: o Rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: **Editora UFMG**, 2005

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, p. 40-52, 2003.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e pesquisa**, v. 28, p. 117-136, 2002.

DAYRELL, J; CARRANO, P. Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. Anais... 25ª Reunião Anual Andep: Caxambu, 01-33, 2002.

DAYRELL, J. T.; JESUS, R. E. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 37, nº. 135, p.407-423, abr.- jun., 2016.

DE SANTANA, L. H. C.; DE FREITAS SILVA, C.; RODRIGUES DE SOUZA, E. O discurso hegemônico e idealista na troca do termo favela por comunidade. **Porto das Letras**, v. 7, n. 1, p. 14-33, 7 fev., 2021.

WEBER, F. BEAUD, S. **Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2007.

GLENNY, M. **O dono do morro: um homem e a batalha pelo Rio**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.

GOMES, J. **Paixão em estado bruto. Movimento Hip Hop: palco e projeto de uma juventude**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em comunicação. Universidade Federal Fluminense, 2009.

GONÇALVES, R. Rodas culturais – a arte nas praças cariocas. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n.8, 2014, p.441-450.

HERINGER, R. (2013). **Expectativas de acesso ao ensino superior: um estudo de caso na Cidade de Deus**, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Edição do autor.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Censo Demográfico**. 2010.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, **Censo da Educação Superior**, 2018. Brasília: MEC, 2011.

IZAGA, F; PEREIRA, M. A mobilidade urbana na urbanização das favelas no Rio de Janeiro. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, n. 4, p. 88-115, 2014.

JORNAL DA. USP. “**Mulher Que Teve Gravidez Na Adolescência Ganha Em Média 30% Menos.**” Jornal Da USP, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulher-que-teve-gravidez-na-adolescencia-ganha-em-media-30-menos/> Acesso em: 20 de set. 2021

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: **Ática**, 1997.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, v. 32, p. 1067-1084, 2011.

MEDEIROS, M. **As oportunidades de ser rico por meio do trabalho estão abertas a todos?** Brasília: IPEA, 2004.

MICHETTI, M. A vida como projeto: a pedagogia do homo economicus e as iniciativas de fomento ao “espírito do capitalismo” via educação pública. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 55, n. 3, p. 302-314, 2019.

MORENO, R; ALMEIDA, A.M. F. Quando jovens ativistas do hip hop encontram a política partidária. **Revista de Sociologia e Política**, v. 25, p. 5-29, 2017.

MORENO, R. C.; Almeida, A.M. F. O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, p. 130-142, 2009.

MORENO, R. C. **As mutações da experiência militante**: um estudo a partir do movimento hip-hop de Campinas. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. Campinas: UNICAMP, 2007.

MELO, L.; SALLES, L. (2020). Escola, Juventude e Perspectivas de Futuro: Alguns Apontamentos. **Cadernos CEDES**. v. 40, n. 110, p. 86-96, 2020.

NEDER, L. Escolas na Gávea realizam projetos para moradores da Rocinha. **O Globo**, 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/escolas-na-gavea-realizam-projetos-para-moradores-da-rocinha-9617981>. Acesso em: 31 mar. 2021.

NOGUEIRA, C. M. M.s; NOGUEIRA, M. A.. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, v. 23, p. 15-35, 2002.

PAIXAO, L. P. Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 124, p. 141-170, 2005.

PAUGAM S. **A pesquisa sociológica**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2015.

PERALVA, Angelina. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. Paz e Terra, 2000.

PERLMAN, J. **Marginalidade**: Do mito à realidade nas favelas do Rio de Janeiro (1969-2002). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

PRADO, R.; GOMES, L. O. Entrevista: Paulo Carrano: O jovem, seu boné e a escola. **Veras**, v. 7, n. 2, p. 183, 2017.

PRATA, P. Gravação de Filme é usada fora de contexto para atacar decisão do STF sobre policiais em favelas do Rio de Janeiro: Cenas que mostram homens armados em confronto com a polícia são obra ‘Rocinha: Toda história tem dois lados’. **Estadão**, 2020.

Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/gravacao-de-filme-e-usada-fora-de-contexto-para-atacar-decisao-do-stf-sobre-policiais-em-favelas-no-rio/>. Acesso em: 21 out. 2020.

PREFEITURA do Rio prorroga inscrições para mapeamento de rodas de rima, Slam e movimento Funk. Navegação. **Rio Prefeitura**, 2020. Disponível em:

<http://www.rio.rj.gov.br/web/smc/exibeconteudo?id=11088457>. Acesso em: 19 out. 2020.

PRESTA, S.; ALMEIDA, A. M. F. Fronteiras imaginadas: experiências educativas e construção das disposições quanto ao futuro por jovens dos grupos populares e médios. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 103, p. 401–424, 2008.

ROSE, T. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. **Abalando os anos**, v. 90, p. 192-212, 1997.

SILVA, J. C. Arte e educação: a experiência do movimento hip hop paulistano. **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, p. 23-38, 1999.

SILVA, C; TEIXEIRA, D. V. O hip-hop é uma só família: processo criativo, produção cultural e militância. **Políticas Culturais em Revista**, v. 14, n. 2, p. 75-99, 2021.

SILVA, Michel. Sem a conclusão do PAC 1, Governo do Rio quer iniciar o PAC 2 na Rocinha. **FalaRocha**, 2018. Disponível em: <https://falaroca.com/sem-a-conclusao-do-pac-1-governo-do-rio-quer-iniciar-o-pac-2-na-rocinha/>. Acesso em: 18 out. 2020.

SHOW de Ja Rule reúne mais de 10 mil na Rocinha. **A Tarde**, 2008. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/cultura/noticias/1100583-show-de-ja-rule-reune-mais-de-10-mil-na-rocinha>. Acesso em: 19 out. 2020.

SPOSITO, M. P. Algumas Hipóteses sobre as Relações entre Movimentos Sociais, Juventude e Educação. **In Revista Brasileira de Educação**. Nº 13. ANPED, 2000.

SPOSITO, M. P.; TARABOLA, F. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 71, 2017.

THIN, D. Famílias populares e instituição escolar: entre autonomia e heteronomia. **Educação e Pesquisa**, v. 36, p. 65-77, 2010.

TOMIZAKI, K.; DANILIAUSKAS, M. A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. **Pro-Posições**, v. 29, n. 1, p. 214-238, 2018.

VEJA RIO. O carioca Maxwell Alexandre conquista espaço no seletor clube da arte contemporânea mundial. 2021. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/beira-mar/maxwell-alexandre/>>. Acesso: 8 jan 2022.

VIANA, M. J. B. Práticas socializadoras em famílias populares e a longevidade escolar dos filhos. **Educação em Revista**, v. 28, n. 1, p. 421–440, 2012.

VIEIRA, G. **Becos, brechas, favelas: os corres de jovens produtores culturais de territórios populares**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) - Universidade Federal Fluminense, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2015